



Título: O Fantástico na Literatura

Autoras: Ana Paula Fornari Veiras de Jesus e Thayza Heidêe Caldeira Lima

Orientadora: Isabel Monguilhott

Escola: Colégio de Aplicação da UFSC

Professor da turma: George Luiz França

Ano: 2º (2014)

Contextualização do projeto: A escolha do tema do presente projeto surgiu a partir da observação dos documentos norteadores do ensino de Língua Portuguesa, das necessidades dos estudantes da turma e do planejamento do professor regente. Assim, *O fantástico na literatura* foi eleito como tema a fim de juntar aquilo que os alunos já sabiam com aquilo que, segundo o planejamento do professor regente, eles ainda precisavam aprender. Foram desenvolvidas atividades de escrita, leitura e oralidade a partir de contos, poemas e informações sobre os autores selecionados pelas estagiárias. A produção final do processo de ensino e aprendizagem foi a atividade “Fanzinando Contos” que consistiu na produção, em grupos, de fanzines sobre contos de Álvares de Azevedo e Edgar Allan Poe sorteados entre os estudantes, o fanzine foi apresentado de forma oral para a turma fechando o projeto.

Cronograma: Para se ter uma ideia do conjunto das ações desenvolvidas ao longo do projeto de docência, apresenta-se, na sequência, o cronograma de atividades.

| Aula | H/A | Conteúdo |
|-------------|------------|--|
| 1 | 2 | Apresentação do projeto de estágio; breve contexto histórico da Europa no século XIX; atividade “Conhecendo Allan Poe”. |
| 2 | 2 | Apresentar aos alunos o que é “Conto Maravilhoso” e “Conto Fantástico”; trabalhar o conto “O Retrato Oval” relacionando-o a outras mídias – fotografias e filmes. |
| 3 | 2 | A segunda geração romântica - Ultrarromantismo no Brasil; atividade “Entrevistando Álvares de Azevedo” |
| 4 | 2 | Leitura e análise do Conto VII - “Último beijo de Amor” de Álvares de Azevedo, retirado do livro Noite na Taverna; atividade “Reflexões sobre minha própria existência”. |
| 5 | 2 | “Oficina de Leitura” de quatro contos de Allan Poe e quatro contos de Álvares de Azevedo. |
| 6 | 2 | “Oficina de Fanzine” – Parte 01 |
| 7 | 2 | “Oficina de Fanzine” – Parte 02 |
| 8 | 2 | Atividade “Fanzinando Contos”. |

Movimento literário referência: literatura fantástica.

Eixo organizador do ensino: o aprimoramento da escrita através de atividades de compreensão leitora sobre os materiais estudados; o trabalho com a leitura através dos materiais selecionados dentro do trabalho com a literatura fantástica e o exercício da oralidade a partir da leitura oral e discussões sobre os materiais lidos.

Objetivos: Potencializar as práticas de uso da língua através da temática “O Fantástico na literatura”, para desenvolver nos alunos as habilidades de leitura, produção escrita e oral, com base em aulas pautadas em atividades diversificadas envolvendo o gênero conto. Conhecer o movimento literário Romantismo e a segunda fase do Romantismo, também conhecida como

Ultrarromantismo, representado pelos autores Edgar Allan Poe e Álvares de Azevedo e suas principais obras. Promover problematizações instigando a reflexão e o debate acerca das características e dos temas das obras literárias, relacionando-as à contemporaneidade.

Com relação à leitura: Ampliar o repertório literário e desenvolver a capacidade interpretativa, a autonomia na compreensão dos textos a serem lidos e o olhar crítico acerca do que se lê.

No que se refere ao ensino da escrita: Aprimorar a escrita, assumindo a palavra para se posicionar, acerca dos temas discutidos durante as aulas.

No que tange à oralidade: Reconhecer a sala de aula como ambiente favorável à comunicação, à socialização e ao respeito nas discussões, participando ativamente das atividades que envolvem o uso oral da língua.

Metodologia: Na sequência, apresenta-se aula a aula como pode ser desenvolvido este projeto. Nas notas, destaca-se o que foi específico da experiência vivenciada.

Aula 1 (2h/a)

Iniciar a aula apresentando o Projeto “O Fantástico na Literatura”, o porquê da escolha, como será abordado, quais serão as atividades de avaliação e as datas previstas.

Em seguida, situar os alunos no contexto histórico europeu, do século XIX, a partir dos *slides* “Europa no Século XIX” (anexo 1). Indagar os alunos, aguçando o que sabem sobre Allan Poe¹, se conhecem o autor, que gênero ele escreve, o que leram sobre, se gostaram do que leram, se assistiram a algum filme até chegar no tema “O Corvo”. Checar se está claro para a turma que “O Corvo” é um poema e que se trata de um clássico.

Depois, apresentar para os alunos, o vídeo/animação “The Raven – dos Simpsons” com o intuito de relembrar o conteúdo da poesia “O Corvo” de forma lúdica e registrar em suas mentes que se trata de uma poesia e não de um conto.

Na segunda parte da aula, trabalhar com os alunos a atividade “Conhecendo Allan Poe” (anexo 2) . Projetar a imagem de Poe escrevendo² como forma de inspiração para a

¹ Os alunos da turma em que o projeto foi implementado já haviam estudado sobre o autor, de modo que essa parte da aula foi planejada para partir daquilo que os alunos já sabiam para aquilo que ainda precisavam aprender.

² Imagem disponível em: <http://homoliteratus.com/wp-content/uploads/2013/09/allan-poe.jpg>. Acesso em: 23.06.2021.

prática desta atividade. Pedir aos alunos que se organizem em pequenos grupos, de 4 a 5 alunos, e entregar uma folha para cada aluno, com as alternativas sobre a vida do autor que devem ser respondidas com verdadeiro ou falso (anexo 2), estipulando um tempo de 30 min para as equipes pesquisarem na internet. Circular entre os grupos, para auxiliá-los, caso seja necessário. Ao final, fazer a correção com toda a turma lendo as questões e checando as respostas.

Caso não seja possível acessar a internet no momentânea atividade, entregar para cada grupo uma cópia da página disponibilizada na Wikipédia³, que aborda a biografia de Edgar Allan Poe, para que as equipes possam fazer a pesquisa via texto impresso.

Carta na Manga: ⁴

Apresentar para os alunos o PowerPoint da “Biografia de Allan Poe” (anexo 3) e, a título de curiosidade, apresentar aos alunos o vídeo “10 coisas que talvez você não saiba sobre: Edgar Allan Poe”⁵

Aula 2 (2h/a)

Iniciar a aula apresentando os *slides* “Maravilhoso X Fantástico” (anexo 4). Checar o conhecimento dos alunos antes de explicar o conteúdo dos slides: o que vocês entendem por Maravilhoso e Fantástico? Que temas são abordados no Romantismo? E no Ultrarromantismo? E qual a diferença entre Narrativa Maravilhosa e Fantástica? Depois, situar o autor Allan Poe na divisa entre o Romantismo e o Ultrarromantismo.

³ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar_Allan_Poe. Acesso em: 23.06.2021.

⁴ Este foi um recurso utilizado pelas estagiárias para ter atividades previamente planejadas caso alguma atividade não pudesse ser realizada ou sobrasse tempo ao fim da aula.

⁵ Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qEUzAH_TjX4. Acesso em: 23.06.2021.

Trabalhar as narrativas dos filmes (mostrados na apresentação), apresentando aos alunos os trailers dos filmes⁶. Após cada trailer, perguntar para a turma qual narrativa foi adotada.

Convidar os alunos para assistir o vídeo/animação “El Retrato Oval”⁷, que é baseado no conto “O Retrato Oval”⁸ pedindo que prestem atenção nas cenas, mesmo que não entendam a língua falada (o espanhol).

Em seguida, questionar: qual narrativa é usada neste conto? Maravilhosa ou Fantástica? Relembrar com os alunos o conto fazendo perguntas como: As cenas mostradas na animação são as mesmas descritas no conto? Qual é a cena que é diferente? Que não condiz com o conto escrito? Vocês lembram o que foi trabalhado neste conto? (Levá-los a recordar que é uma história dentro da outra) Por que este conto é considerado um conto de horror? (Abordar aqui o surgimento do espiritismo e da fotografia)

Comentar sobre o filme “A Liga Extraordinária” de 2003, em que um dos personagens não envelhece porque tem sua alma presa no quadro. Perguntar aos alunos que outros filmes ou livros, tratam do mesmo tema.

⁶ Relação de trailers apresentados aos alunos:

YOUTUBE. Alice no País das Maravilhas – Trailer Dublado. 2009. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=q3Dv8HAg0Hc>> (acesso em: 06/05/2014).

_____. A Liga Extraordinária – trailer (legendado). 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Dhalge5z2XA>> (acesso em: 06/05/2014).

_____. Alma. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=irbFBg10jhM>> (acesso em: 06/05/2014).

_____. A Noiva Cadáver X A Meia Noite Levarei Sua Alma. 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=z3qN9Mxar2A>> (acesso em: 06/05/2014).

_____. As Crônicas De Nárnia: – Trailer Oficial Dublado HD. 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=d7Crs-1cOqE>> (acesso em: 06/05/2014).

_____. Branca de Neve e o Caçador/Trailer oficial 2 do filme [HD]. 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=zeaFgcEKa04>> (acesso em: 06/05/2014).

_____. Eclipse – Trailer Legendado Oficial (HD). 2010. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=y6li_cRk_8M> (acesso em: 06/05/2014).

_____. El retrato Oval – Edgar Allan Poe. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=G7R2ULluMjs>> (acesso em: 06/05/2014).

_____. Meu Malvado Favorito 2 Trailer #1 Dublado HD. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=POMYS72kDbw>> (acesso em: 06/05/2014).

_____. O Corvo – Trailer-Legendado. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Uhb8i02JE7s>> (acesso em: 06/05/2014).

_____. O Hobbit: Uma Jornada Inesperada – Trailer HD Legendado. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=LOeBkxlxsl>> (acesso em: 06/05/2014).

_____. SBT – Filmes – Os Irmãos Grimm. 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ekJzctA7ZqE>> (acesso em: 06/05/2014).

_____. Shrek 2 – DVD Trailer dublado. 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=6SKf944GNig>> (acesso em: 06/05/2014).

_____. Trailer Harry Potter e as Relíquias da Morte (Dublado!). 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4DWMqgUusmY>> (acesso em: 06/05/2014).

_____. Trailer Valente – Dublado. 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=1IePsEvDYpw>> (acesso em: 06/05/2014).

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G7R2ULluMjs>. Acesso em: 23.06.2021.

⁸ Que já havia sido trabalhado em aula pelo professor regente.

Depois, apresentar o vídeo/animação “Alma” e perguntar aos alunos se lembram de algum outro filme ou livro semelhante. (Levá-los ao filme do Chuck, a fim de perceberem que o que está em jogo não é a relação do real X imaginário e sim a perturbação que isso causa).

Carta na Manga:

Mostrar para os alunos as imagens dos 3 quadros, a Monalisa e duas releituras feitas em filmes/desenhos animados (anexo 5), e levá-los a perceber que há um diálogo entre eles.

Aula 3 (2h/a)

No início da aula relembrar os pontos relevantes das aulas anteriores relacionando o período do Romantismo na Europa, como parâmetro, para levá-los a pensar esse movimento literário no Brasil.

Na sequência, apresentar os *slides* “A 2ª Geração Romântica no Brasil” (anexo 6), contendo informações do contexto histórico brasileiro e das influências políticas, econômicas e sociais da época. Falar das três gerações do Romantismo e das suas características. Levar os alunos ao conhecimento dos autores brasileiros da 2ª geração do Romantismo, também chamada de Ultrarromantismo, especificamente Álvares de Azevedo, nomeado o maior representante do Ultrarromantismo no Brasil.

Indagar os alunos, o que sabem sobre Álvares de Azevedo: se conhecem o autor, que gênero ele escreve, o que leram, se gostaram do que leram. Trabalhar a biografia⁹ do autor e suas obras envolvendo os alunos na atividade “Entrevistando Álvares de Azevedo” (anexo 7), para que eles conheçam a vida do autor, suas obras, estilo e características gerais.

Pedir aos alunos que se organizem em trios e entregar as fotocópias para cada aluno com a pesquisa já realizada sobre a biografia completa de Álvares de Azevedo. Explicar como a atividade deverá ser realizada: cada grupo entrevistará imaginariamente o poeta Álvares de Azevedo; o roteiro de perguntas e respostas deve contemplar a biografia do autor; os alunos também poderão elaborar perguntas e respostas fictícias, ou seja, elaborar questões como se fossem “curiosidades imaginárias” dos próprios alunos baseados em debates/leituras na sala de aula. Isso dependerá da criatividade dos grupos. Informar que a atividade deverá ser entregue no final da aula.

⁹ Biografia disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81lvares_de_Azevedo. Acesso em: 23.06.2021.

Terminada a atividade fazer a socialização oral das entrevistas de cada grupo. Explicando que dois representantes de um dos trios farão o papel de entrevistador e entrevistado para o grande grupo. Se necessário, fazer comentários complementares.

Convidar os alunos para assistir ao vídeo: “Álvares de Azevedo, o poeta Rock N' Roll com música de Pitty”¹⁰ e comentar sobre o estilo de música utilizada no vídeo relacionando-a ao Ultrarromantismo.

Trabalhar o texto sobre o poeta inglês Lord Byron (anexo 8) entregando uma fotocópia do texto para cada aluno e solicitando que leiam em casa a primeira parte do texto. Fazer, então, apenas a leitura da segunda e da terceira parte do texto “Lord Byron, inspiração para os poetas ultrarromânticos brasileiros” e “Algumas frases de Byron”. Ao final da leitura, fazer uma discussão abordando o poeta, o “mal do século” e vários autores brasileiros que tinham Byron como ídolo, principalmente o poeta Álvares de Azevedo.

Carta na Manga:

Apresentar o vídeo do poema: “Se eu morresse amanhã”, declamado por Paulo Autran¹¹ e entregar para cada aluno uma fotocópia da poesia “Se eu morresse amanhã”¹². Fazer uma breve análise e comentário sobre o poema.

Aula 4 (2h/a)

Iniciar a aula retomando alguns pontos relevantes da aula anterior e falar sobre as principais obras do autor: *Lira dos vinte anos* – coletânea de poesias; *Macário* – obra teatral; e *Noite na Taverna* – contos fantásticos. Levar os livros para circular na sala e mostrar a importância das obras para a literatura brasileira. Enfatizar comentários sobre *Noite na Taverna*, o único livro em prosa de Álvares de Azevedo, informando que serão trabalhados/analizados alguns contos desse livro e comentar a escolha por trabalhar com o livro e o autor.

Perguntar se os alunos já leram *Noite na Taverna*. Em caso positivo, solicitar que eles comentem. Entregar para cada aluno uma fotocópia do Conto VII - “O último beijo” do livro *Noite na Taverna*¹³ e solicitar primeiramente a leitura silenciosa.

¹⁰ Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=kO9w2iB0m34>. Acesso em: 23.06.2021.

¹¹ O vídeo passado pelas estagiárias não está mais disponível, mas a declamação por Paulo Autran pode ser conferida em: <https://youtu.be/0xzoEzFJi8U>. Acesso em: 23.06.2021.

¹² Poema disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NjA3NDEx/>. Acesso em: 23.06.2021.

¹³ Obra disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1734. Acesso em: 23.06.2021.

Verificar com os alunos dúvidas de vocabulário (levar o significado previamente/ou utilizar o dicionário), efetuando os devidos esclarecimentos. Em seguida, interagir com os alunos levando-os à discussão/reflexão. Primeiramente solicitar que alguém fale ou conte o conto e, depois, perguntar o que entenderam e qual é o tema predominante. Relembrar sobre o aspecto noturno, sombrio e misterioso que influenciou os românticos em geral, o desejo de morrer ou a visão da morte como caminho para outra vida melhor, especialmente aqueles filiados à esfera do Mal-do-Século.

Citar o escritor alemão Goethe e a sua obra *Os sentimentos do Jovem Werther* como influência do fantástico na literatura. Refletir com os alunos sobre o livro e sobre a questão do suicídio - morte, em massa, de jovens daquela época. Questionando: O que leva uma pessoa a cometer suicídio? O que leva uma pessoa a matar outras pessoas e logo após cometer suicídio (serial killers)? Comentar brevemente sobre esses fatos que ocorrem com frequência nos dias de hoje, e pedir exemplos aos alunos. (Escola do Rio de Janeiro em 2011 e outros casos).

Em seguida, convidar os alunos para assistirem ao trailer do filme *Goethe*¹⁴.

Abordar brevemente a história de Romeu e Julieta, na qual o amor os leva à morte e convidar os alunos para assistirem a cena final do filme *Romeu e Julieta*¹⁵.

Depois, entregar a atividade "Reflexões sobre minha própria existência" (anexo 9) contendo perguntas formuladas com base nas possíveis relações entre a vida do poeta Álvares de Azevedo, e neste caso, de qualquer adolescente explicando que a atividade deverá ser realizada individualmente.

Carta na Manga:

Entregar para cada aluno a fotocópia do texto *A Escola de Morrer Cedo* de Lygia Fagundes Telles¹⁶ que aborda sobre os poetas do Ultrarromantismo e suas mortes prematuras. Um texto que apresenta mais curiosidades sobre os poetas e que também serve de base para facilitar as leituras dos contos.

Aula 5 (2h/a)

Iniciar a aula fazendo a devolução do questionário, "Reflexões sobre minha própria existência", aplicado na aula anterior. Fazer um breve comentário em relação às respostas.

¹⁴ Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=GVzzru6XYMY>. Acesso em: 23.06.2021.

¹⁵ Vídeo disponível em: https://youtu.be/SxE7q_D2m-k. Acesso em: 23.06.2021.

¹⁶ Texto disponível em: <https://www.academia.org.br/artigos/escola-de-morrer-cedo>. Acesso em: 23.06.2021.

Em seguida, sortear os grupos para a atividade de leitura de contos. Circular pela turma com um saquinho contendo pedacinhos de papel com números de 1 a 8 repetidos a fim de formar 8 grupos. Pedir que cada aluno retire um papel e se junte com os colegas que retiraram o mesmo número. Com os grupos formados, distribuir os contos *Sofieri*, *Bertram*, *Gennaro* e *Johann*¹⁷ de Álvares de Azevedo e os contos *Berenice*, *A Máscara da Morte Rubra*, *O Barril de Amontillado* e *O demônio da perversidade* (anexo 10)¹⁸ de Edgar Allan Poe.

A fim de direcionar a leitura, explicar aos estudantes que terão esta aula para ler o conto, que todos deverão ler, pois todos do grupo têm que saber a história já que no segundo momento da aula, todos terão que fazer um resumo do conto lido. Comentar que o resumo será a base para a criação do Fanzine, que será feito em sala de aula, na próxima aula. Assim como também será a base para a contação do conto no momento da socialização dos Fanzines.

Depois da leitura silenciosa e individual do conto, orientar os estudantes para que produzam, em grupo, um único resumo da história lida. Enquanto as equipes trabalham, circular entre os alunos com a finalidade de orientá-los durante a produção do texto e checar se todos os membros do grupo estão a par do que está sendo trabalhado.

Ao final, recolher todos os resumos, com os nomes dos alunos de cada grupo, mesmo que algum grupo não consiga concluí-la.

Aula 6 (2h/a)

Iniciar a aula solicitando aos alunos que formem os mesmos grupos da aula passada e apresentar o que é um Fanzine. Para esse momento, levar exemplos de Fanzines a fim de permitir que os alunos manuseiem e se familiarizem com o material. É importante que tenham contato com Fanzines ainda no formato de folha A4 e com Fanzines já cortados e grampeados.

Depois desse momento inicial, entregar para cada aluno um roteiro de como fazer um Fanzine (anexo 11) e trabalhar com esse material por meio de *slides* (anexo 12). Mostrar também algumas ideias de *layout* de páginas. E se necessário for, sanar dúvidas de como confeccionar um Fanzine.

¹⁷ Contos disponíveis em *Noite na Taverna*, a obra pode ser acessada em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1734. Acesso em: 23.06.2021.

¹⁸ Como as obras de Edgar Allan Poe em que os contos selecionados se encontram não estão em domínio público, tais contos foram disponibilizados no anexo 10.

Com os materiais necessários para a produção do Fanzine previamente organizados, permitir que os grupos trabalhem no restante da aula na produção do Fanzine que contará o conto lido pela equipe.

Finalizar a aula avisando os grupos que eles podem se organizar e dividir as partes do conto que serão usadas do Fanzine para digitar em casa e trazer impresso para fazer as colagens na próxima aula. Assim como também podem fazer pesquisas de imagens na internet e trazê-las impressas.

Aula 7 (2h/a)

Iniciar a aula solicitando aos alunos que organizem os mesmos grupos da aula passada, para a finalização dos Fanzines. Circular entre os alunos, de carteira em carteira, para checar o que os grupos trouxeram de casa para agregar à montagem do Fanzine e verificar se todos os membros da equipe estão ou não engajados na produção. Além disso, se certificar de que toda a turma está conseguindo desenvolver a proposta e auxiliar as equipes que ainda estão com dificuldade na montagem do Fanzine.

Finalizar a aula lembrando os alunos que na próxima aula acontecerá a atividade “Fanzinando Contos” e, assim, todos terão que apresentar uma parte do Fanzine produzido pelo seu grupo. Pedir que as equipes se organizem para determinar quem vai ficar com o início do conto, quem vai ficar com o meio e quem vai contar o desfecho da história no tempo de 10 min disponível para cada grupo. Explicar os critérios avaliados durante a apresentação: - 02 pontos por apresentarem dentro do tempo estipulado (10 min. p/cada equipe); - 04 pontos pela fala de todos os membros da equipe; - 04 pontos pela pertinência da fala que deve refletir o conto lido. Informar também que todos os Fanzines serão digitalizados e colocados em uma única apresentação de *slides* para que todas as equipes possam socializar os Fanzines no momento da apresentação.

Aula 8 (2h/a)

Iniciar a aula preparando os *slides* que serão usados pelas equipes durante a apresentação dos Fanzines

Lembrá-los de que todo o grupo deverá ir à frente, que cada membro da equipe fará uma parte da apresentação (na sequência que acordaram entre o grupo) e que o tempo total de fala é de 10 min. Convidar o primeiro grupo para vir à frente e iniciar a apresentação do Fanzine e, em sequência, os outros sete grupos.

Finalizar a aula convidando as equipes para efetuarem a troca dos Fanzines entre eles e devolver aos grupos os Fanzines originais.

Agradecer a todos pela participação

Anexos

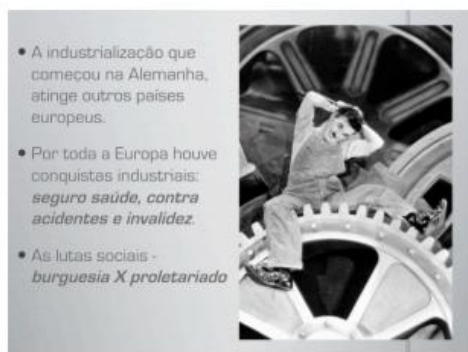
Anexo 1 - Slides “Europa no Século XIX”



Lâmina 01



Lâmina 02



Lâmina 03



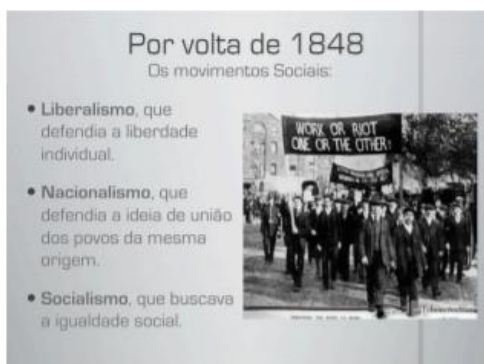
Lâmina 04



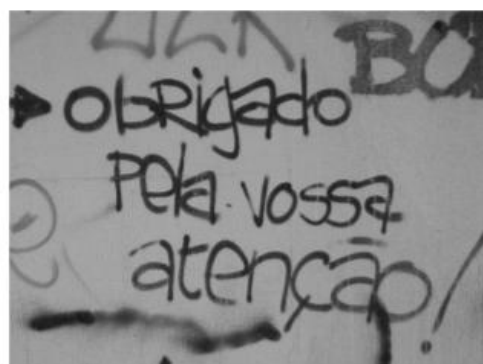
Lâmina 05



Lâmina 06



Lâmina 07



Lâmina 08

Anexo 2 - Conhecendo Allan Poe

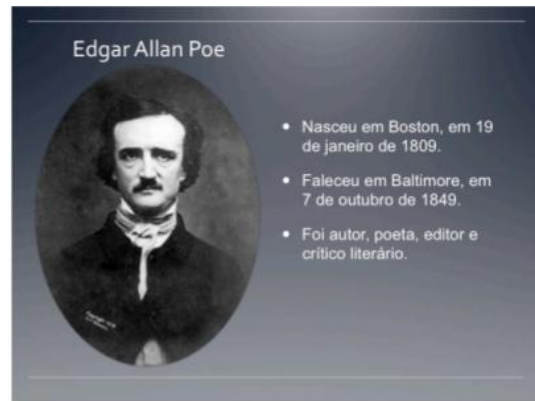
Responda as alternativas abaixo com V para verdadeiro e F para falso:

1. Edgar Allan Poe, nasceu em Boston em 19 de 1809? ()
2. Faleceu com 50 anos, em Baltimore? ()
3. É o único filho do ator David Poe e da atriz Elizabeth Arnold Hopkins Poe? ()
4. Nasceu com o nome de Edgar Poe, aos 21 anos de idade adotou o nome artístico de Edgar Allan Poe? ()
5. Foi um dos primeiros a escrever contos com temas macabros? ()
6. Poe se formou em Letras, pela Universidade de Virgínia? ()
7. Foi na época da faculdade que Poe começou a beber e a jogar? ()
8. Sua mãe morreu quando ele foi para as forças armadas? ()
9. Poe mantinha uma boa relação com o seu pai adotivo? ()
10. Voltou para Baltimore e se casou escondido com sua prima Virgínia que só tinha 13 anos? ()
11. Sua esposa morre ao dar à luz seu primeiro filho? ()
12. O que o leva ao consumismo excessivo de álcool? ()
13. Depois da morte de sua esposa, Poe escreve o seu maior clássico – O Corvo? ()
14. Poe tenta um segundo amor, fica noivo e se casa com a poeta Sarah Helen Whitman? ()
15. Sua segunda esposa também morre, e Poe se casa com Sarah Elmira Royster? ()
16. Poe é considerado um dos precursores da literatura romântica? ()
17. O seu estilo gótico literário da época, o gênero macabro e fantasmagórico, inspira os góticos da atualidade? ()

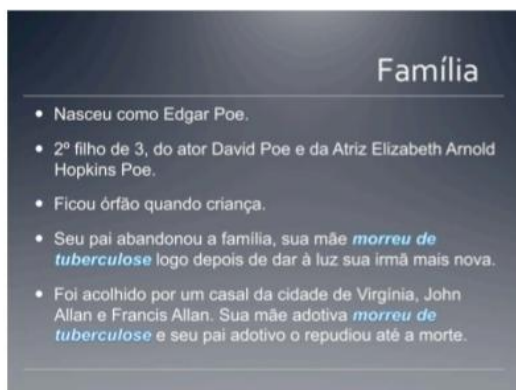
Anexo 3 - Slides da biografia do Poe



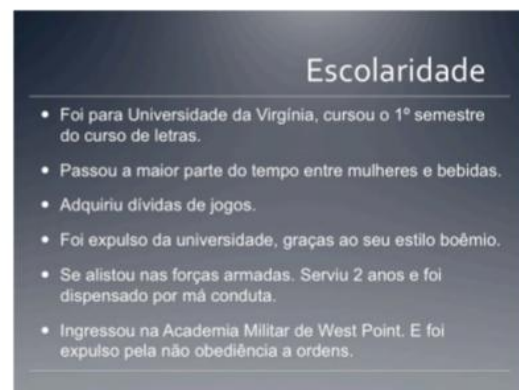
Lâmina 01



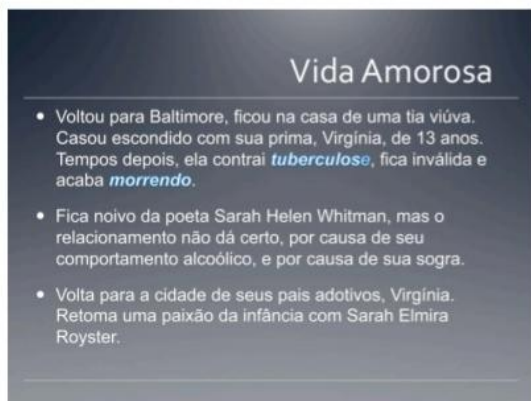
Lâmina 02



Lâmina 03



Lâmina 04



Lâmina 05



Lâmina 06

Anexo 4 - Slides “Maravilhoso x Fantástico”



Lâmina 01



Lâmina 02



Lâmina 03



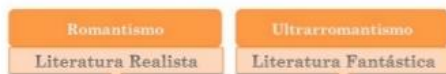
Lâmina 04



Lâmina 05



Lâmina 06



- Tem como referencial a realidade;
 - Tem como característica o verossímil;
 - Relata sobre acontecimentos e personagens que poderiam ocorrer e existir.
- Tem como referencial a dicotomia entre o real e o imaginário;
 - Tem como característica problematizar e desestabilizar as noções de realidade;
 - Relata sobre acontecimentos e personagens que podem ou não existir.

Lâmina 07

DENTRO DA LITERATURA FANTÁSTICA



O que eu tenho?

Lâmina 08

A Narrativa é a mesma?



Lâmina 09



Lâmina 10

DENTRO DA LITERATURA FANTÁSTICA

Maravilhoso

Fantástico



Lâmina 11

DENTRO DA LITERATURA FANTÁSTICA

Maravilhoso

Fantástico

Se refere a quê?



Lâmina 12

DENTRO DA LITERATURA FANTÁSTICA

Maravilhoso

Fantástico

Se refere a quê?

- Fábulas e
- Contos de Fadas.



Lâmina 13

DENTRO DA LITERATURA FANTÁSTICA

Maravilhoso

Fantástico

Se refere a quê?

- Fábulas e
- Contos de Fadas.

Se refere a quê?



Lâmina 14

DENTRO DA LITERATURA FANTÁSTICA

Maravilhoso

Fantástico

Se refere a quê?

- Fábulas e
- Contos de Fadas.

Se refere a quê?

- Mórbido e
- Delírio de protagonista.



Lâmina 15

DENTRO DA LITERATURA FANTÁSTICA

Maravilhoso

Fantástico

Se refere a quê?

- Fábulas e
- Contos de Fadas.

Se refere a quê?

- Mórbido e
- Delírio de protagonista.

- O universo maravilhoso está povoado de: dragões, unicórnios, fadas, metamorfoses, varinha mágica, talismã, gênios, elfos, etc..

- O universo fantástico engloba o maravilhoso, o mito, a lenda. Mas acrescenta o mórbido.

O Sobrenatural é inquestionável

O Sobrenatural é inesperado



Lâmina 16



Lâmina 17



Lâmina 18



Lâmina 19



Lâmina 20



Lâmina 21



Lâmina 22

Maravilhoso ou Fantástico?



Lâmina 23



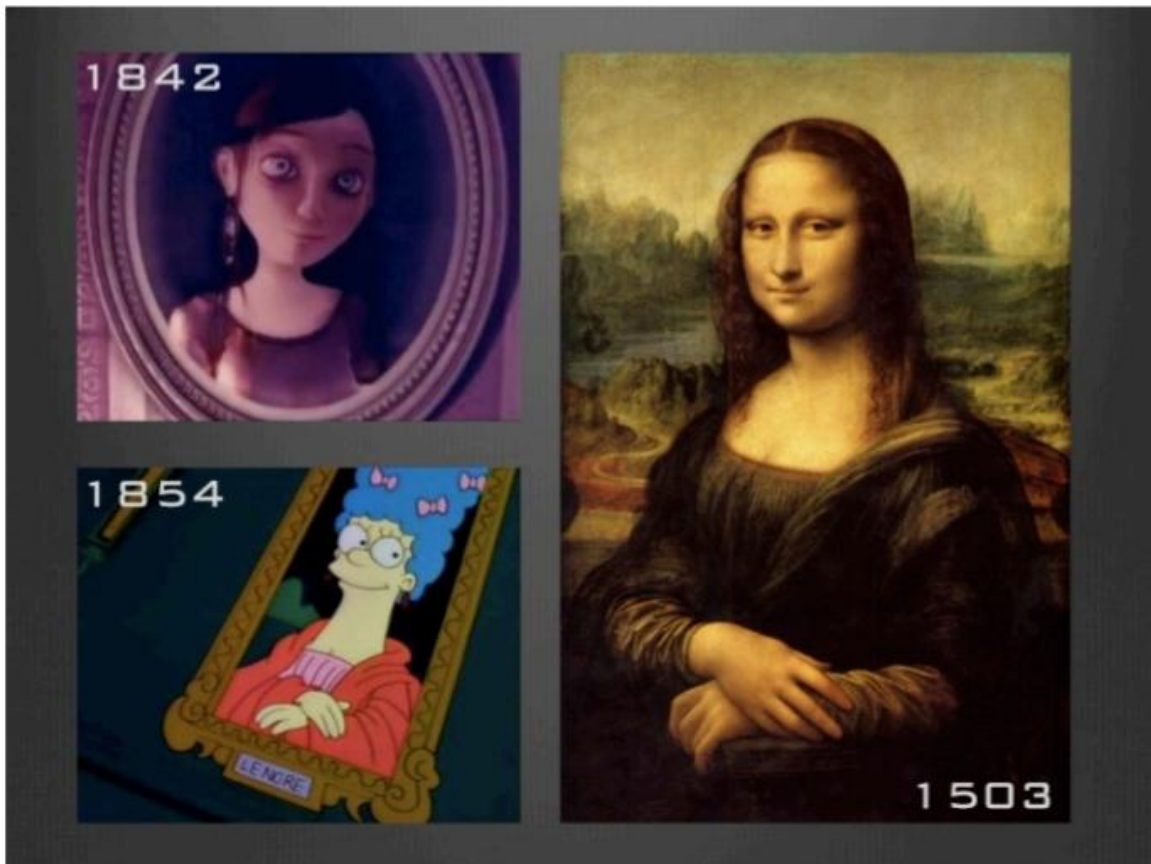
**Maravilhoso
ou
Fantástico?**

Lâmina 24



Lâmina 25

Anexo 5 - Imagem dos 3 quadros



Anexo 6 - Slides “A 2ª Geração Romântica no Brasil”

PowerPoint: “A 2ª Geração Romântica no Brasil”

O ROMANTISMO

→ A arte da burguesia em ascensão

Características:

- subjetivismo/individualismo;
- liberdade de criação
- idealismo (fantasia e imaginação)
- fuga da realidade
- valorização da natureza

→ sentimentalismo



Lâmina 01

PANORAMA HISTÓRICO: O BRASIL NO SÉCULO XIX

- Chegada da Família Real ao Brasil ao Rio de Janeiro em 1808



- Independência do Brasil - 1822

Lâmina 02

- O Brasil pintado por Debret



- Proclamação da República - 1889

→ criação de escolas, museus, bibliotecas, juntamente com a circulação regular de jornais e revistas, graças à criação da imprensa nacional.

Lâmina 03

O Ultrarromantismo

Romantismo no Brasil: início em 1836

Poesia Romântica: três gerações

- 1ª Geração: Nacionalista
- 2ª Geração: Mal do Século - Ultrarromantismo
- 3ª Geração: Condoreira

Características:

- Poesia confessional
- Influência de Byron e Musset
- Melancolia, medo de amor, mulher anágrafa, suicídio, desejo de morte



Lâmina 04

2ª Geração - Mal do Século



Álvares de Azevedo


Fagundes Varela

Castro Alves

Lâmina 05

ÁLVARES DE AZEVEDO

O maior representante do Ultrarromantismo no Brasil



Álvares de Azevedo

Lâmina 06

Anexo 7 - Atividade de entrevista

Atividade: Entrevistando Álvares de Azevedo

A ideia é que seja feita uma entrevista imaginária com o poeta Álvares de Azevedo utilizando a biografia completa do autor.

Algumas sugestões para o roteiro escrito de perguntas e respostas:

- a) Apresentação ou introdução à biografia que será feita
- b) Nome completo
- c) Data de Nascimento
- d) Local de Nascimento
- e) Nome dos pais
- f) Iniciação e término dos estudos (colégio...)
- g) Data de casamento (se a pessoa casou) e nome do cônjuge
- h) Filhos
- i) Viagens importantes (que valem a pena salientar)
- j) Prêmios conquistados (se houver)
- k) Livros publicados
- l) Outros fatos importantes da vida, que merecem destaque
- m) Data de morte e causa

Poderão também ser elaboradas perguntas e respostas fictícias, ou seja, elaborar questões como se fossem “curiosidades imaginárias”. Isso dependerá da criatividade de cada grupo. Concluída a atividade, a socialização se dará da seguinte forma: dois representantes de um dos grupos serão convidados a apresentar o trabalho para o grande grupo, sendo que um dos alunos fará o papel do entrevistador e outro do entrevistado.

Anexo 8 - Sobre Lord Byron

Lord Byron

“Vivi, amei, bebi, tal como tu: na morte.”
(A uma taça feita de um crânio humano)

George Gordon Noel Byron nasceu em Londres em 22 de janeiro de 1788. Em 1798 herdou o título nobiliárquico do tio-avô William, tornando-se o sexto Lord Byron. Ainda estudante em Cambridge, publicou seu primeiro livro de poesia, *Hours of Idleness* (1807) - Horas de ócio, mal recebido pela crítica da prestigiosa *Edinburgh Review*. Byron respondeu com o poema satírico *English Bards and Scotch Reviewers* (1809) - Bardos ingleses e críticos escoceses. Aos 21 anos ingressou na Câmara dos Lords, partindo pouco depois em viagem pela Europa e o Oriente Médio.

Ao voltar à Inglaterra, em 1811, publicou os dois primeiros cantos de *Childe Harold's Pilgrimage* (1812; Peregrinação de Childe Harold), longo poema em que narra as andanças e amores de um herói desencantado, ao mesmo tempo em que descreve a natureza da península ibérica, Grécia e Albânia.

A obra alcançou um sucesso imediato (entre 1812 e 1819 saíram 11 edições em inglês, além de várias traduções), e sua fama se consolidou com outros trabalhos, principalmente *The Corsair* (1814; O corsário), *Lara* (1914) e *The Siege of Corinth* (1916; O cerco de Corinto). Nesses poemas, de enredos exóticos e apesar das irregularidades, Byron confirmou seu talento para a descrição de ambientes.

Em 1816, o pedido de divórcio de Lady Byron (Anne Milbanke), após um ano de casamento, escandalizou a sociedade inglesa, que o associou aos rumores de incesto do poeta com sua meia-irmã Augusta Leigh, e Byron resolveu deixar a Inglaterra.

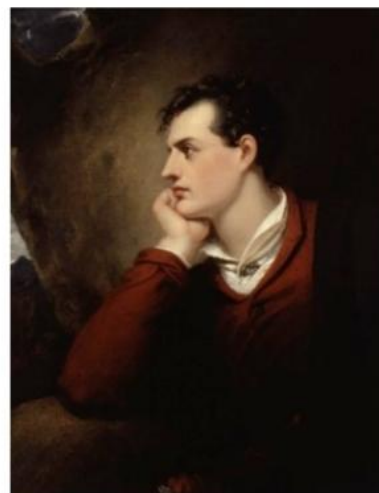
Na Suíça escreveu o canto III de *Childe Harold's Pilgrimage* (1816), *The Prisoner of Chillon* (1816; O prisioneiro de Chillon) e o poema dramático *Manfred* (1817), enigmático e demoníaco. Em Genebra viveu com Claire Clairmont e fez-se amigo de Shelley. Radicou-se depois em Veneza, onde levou existência agitada e licenciosa, documentada em cartas cheias de verve.

Compôs então o canto IV de *Childe Harold's Pilgrimage* (1818) e *Beppo*, a *Venetian Story* (1818; *Beppo*, uma história veneziana), poema em oitava-rima, de tom ligeiro e cáustico, em que ridiculariza a alta sociedade de Veneza. Em 1819 começou o poema herói-cômico *Don Juan* (1819-1824), sátira brilhante e atrevida, à maneira do século XVIII, que deixaria inacabada. No mesmo ano ligou-se à condessa Teresa Guiccioli, seguindo-a a Ravena onde, juntamente com o irmão dela, participou das conspirações dos carbonários.

Byron usou com igual mestria o verso curto de Walter Scott, o verso branco, a oitava-rima e a estrofe spenseriana. Seu aristocratismo se reflete na escolha de um estilo classicista pelo qual tratou uma temática fundamentalmente romântica. Toda a obra de Byron, que exprime o pessimismo romântico, com a tendência a se voltar contra os outros e contra a sociedade, pode ser vista como um grande painel autobiográfico. Foram novos, em sua postura, o tom declarado de rebeldia ante as convenções morais e religiosas e o charme cínico de que seu herói demoníaco sempre se revestiu.

Como moda literária, o byronismo se espalhou pela Europa até as últimas décadas do século XIX, com projeções crescentes e importantes nos países jovens da América. Foram sensíveis à influência de Byron, entre muitos outros, o espanhol Espronceda, os franceses Lamartine, Vigny e Musset, os russos Puchkin e Lermontov, o argentino Esteban Echeverría e o brasileiro Álvares de Azevedo.

Em novembro de 1821, tendo fracassado o movimento revolucionário dos carbonários, Byron partiu para Pisa, onde escreveu o drama *The Deformed Transformed* (1824; O deformado transformado). Em 1822 fundou, com Leigh Hunt, o periódico *The Liberal*. Foi a seguir para Montenegro e daí para Gênova. Nomeado membro do comitê londrino pela independência da Grécia, embarcou para aquele país em 15 de julho de 1823, a fim de combater ao lado dos gregos contra os turcos. Passou quatro meses em Cefalônia e viajou para Missolonghi, onde morreu em 19 de abril de 1824, após contrair uma misteriosa febre.



Lord Byron, inspiração para o poetas ultrarromânticos brasileiros



A obra e a personalidade romântica de Byron tiveram, no início do século XIX, grande projeção no panorama literário europeu e exerceram enorme influência em seus contemporâneos, por representarem o melhor da sensibilidade da época.

Nome influente no romantismo britânico, Lord Byron inspirou diversos escritores, inclusive no Brasil, e suas obras costumam ser vistas como um grande painel autobiográfico.

A fama de Byron não se deve somente aos seus escritos, mas também a sua vida — amplamente considerada extravagante — que inclui numerosas amantes, dívidas, separações e alegações de incesto.

Tão importante quanto suas críticas à sociedade de maneira exaltada, impetuosa e até violenta, e seu pessimismo romântico, cinismo e “elogios” à moralidade e aos costumes religiosos, sua imagem era reproduzida em larga escala, o que o tornou um escritor muito conhecido.

Fazia sucesso principalmente entre as mulheres, que o viam como um herói romântico. A preocupação de Lord Byron com a própria imagem era tão grande, que ordenava que as pinturas o mostrassem como um homem com feições definidas e corpo em forma.

No Brasil, o poeta influenciou a segunda fase do romantismo, ou geração do mal-do-século. O byronismo tornou-se um modismo tanto na literatura europeia quanto na literatura brasileira. Inspirado por Lord Byron, Álvares de Azevedo foi um dos principais nomes do período, que ficou marcado pelo pessimismo, pela melancolia e fuga da realidade.

O espírito jovial e inovador de Azevedo fazem com que ele se inspire no byronismo como elemento que proporciona a manifestação da irreverência, da rebeldia, da transgressão, da insatisfação e da ironia. A sua influência foi tamanha que todo estudante e todo poeta contemporâneo de Azevedo, que dominava a língua inglesa, traduziu algo desse bardo inglês. Ler Byron tornou-se moda entre os jovens da primeira metade do século XIX.

Byron ditou moda não só na literatura, mas também a sua maneira de se vestir e de se postar diante da sociedade, o seu jeito rebelde e altivo foi imitado pelos jovens rebeldes do ocidente. Suas vestimentas pretas e impecáveis tornaram-se marcas da juventude seguidora do byronismo.

Byron não inventou o byronismo, ele foi a representação viva de uma tendência que vinha do início do século XVIII e se firmou no movimento Romântico. Ele foi um romântico por excelência, tornando-se uma figura mítica, com uma enorme popularidade. O seu lado solitário, incompreendido e desencantado, dominado pela melancolia e pelo cepticismo, representou a alma romântica.

O seu espírito de liberdade, a sua luta contra a tirania, o seu passado misterioso e sua vida dissoluta fizeram moda, influenciando as artes em geral. Ele foi um homem arrogante, rebelde, indomável, de passado obscuro, diferente e superior, por isso fascinou tanto. O byronismo tornou-se um termo corrente na história da literatura

ocidental; mais que uma influência e moda literária, ele foi um estado de espírito, uma postura que dominou o século XIX.

Nenhum outro poeta romântico brasileiro prestou tão significativo tributo às influências de Byron como Álvares de Azevedo, haja vista a utilização de trechos de sua obra em forma de epígrafe. As epígrafes utilizadas por Azevedo somam um total de cento e vinte e cinco, das quais Byron e Shakespeare são os mais recorrentes. As epígrafes de Byron perfazem um total de dezessete, com apenas uma traduzida, provavelmente por Francisco Otaviano. São quatro em Lira dos vinte anos, onde se encontra uma traduzida



para o português, duas em O Poema do Frade, oito em O Conde Lopo, duas em Noite na Taverna e uma no discurso À morte de Feliciano Coelho Duarte.

Encontramos em Azevedo uma alma complexa de adolescente apaixonado pelo seu ídolo, fazendo de Byron o grande lírico, o poeta dos sonhos perdidos “Que do mundo o fingir merece apenas/ Negro sarcasmo em lábios de poeta”. Azevedo transformou-o em sua própria musa, “Minha musa serás – poeta altivo”, encontrando nele o espelho de seu dramatismo, pessimismo, desespero e descrença, fazendo da poesia uma explosão da alma irrequieta e melancólica. Sob a influência do poeta inglês, as personagens de Azevedo apresentam um pessimismo extremo, mostram-se desencantados, levando uma vida desregrada como única forma de compensação.

É bastante recorrente, ao se falar de Byron, confundir obra e vida, como se as personagens fossem a extensão do homem, ou vice-versa. Para Candido (1997), o poeta procurou byronizar parte de sua obra, deixando-se levar pela influência famosa e avassaladora de Byron. O crítico firma, ainda, que a influência de Byron era perigosa, tanto no sentido moral quanto literário.

O que se conclui é que Azevedo se imbuíu do espírito do byronismo, buscando criar uma imagem de poeta do desencanto, o herói-rebelde e o espírito transgressor. A adoção de uma postura transgressora por parte de Álvares de Azevedo, explica, em princípio, parte de sua obra, notadamente diversa de seus contemporâneos. O que se pode observar é que ele possui uma fascinação pelo novo, o que, de certa forma, dificultou a compreensão da crítica do século XIX, atribuindo a inovação a sua imaturidade, visto que boa parte de sua escrita está marcada pela rebeldia, própria de um poeta jovem que busca definir seu estilo.

Algumas frases de Byron



“Todas as tragédias terminam em morte e todas as comédias em casamento.”

“O ódio é o prazer mais duradouro; / os homens amam com pressa, mas odeiam com calma.”

“É mais fácil morrer por uma mulher do que viver com ela.”

“A recordação da alegria já não é alegria, / Enquanto a da dor é ainda dor.”

“A vida é como o vinho: se a quisermos apreciar bem, não devemos bebê-la até à última gota.”

“Sabemos tão pouco do que estamos a fazer / neste mundo, que eu me pergunto a mim próprio se a própria dúvida não está em dúvida.”

Fonte:

CAVALCANTE, Maria Imaculada. **A PRESENÇA DO BYRONISMO NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE ÁLVARES DE AZEVEDO**. Volume 1, numero 1, p. 1-17. RevLet – Revista Virtual de Letras. Campus Catalão/UFG. Disponível em: <<http://revistas.jatai.ufg.br/index.php/revlet/article/view/944/510>> (Acessado em: 24/04/2014).

GLOBO, Educação. **Lord Byron, inspiração para o poetas ultrarromânticos brasileiros**. Disponível em: <<http://educacao.globo.com/artigo/lord-byron-inspiracao-para-o-poetas-ultrarromanticos-brasileiros.html>> (Acessado em: 24/04/2014).

PENSADOR. **Frases e Pensamentos de Lord Byron**. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/autor/lord_byron/biografia/> (Acessado em: 24/04/2014).

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. **Lord Byron**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lord_Byron> (Acessado em: 24/04/2014).

Anexo 9 - Atividade

Considerando a biografia de Álvares de Azevedo, trabalhada anteriormente, e o fato de que o autor escreveu sua obra antes dos 21 anos, e, por isso, é tido por muitos críticos como o poeta do qual os dramas dos adolescentes, as aspirações e decepções, a insegurança, a ebulição de sentimentos toma parte em muitos de seus textos, e considerando também as discussões efetuadas em aula, reflita e responda as seguintes perguntas:

1. O que significa para você "ser romântico"?

2. Por que pensar na morte é tão difícil?

3. Você já sentiu medo ou desejo de morrer? Por qual motivo?

4. Como você encara as decepções da vida?

5. Que pessoas lhe influenciam positiva ou negativamente?

6. Há algum padrão em comum nas pessoas que você escolhe para se relacionar? Explique o porquê.

7. Na sua opinião a vida imita a arte ou a arte imita a vida?

BERENICE

*Dicebant mihi sodales, si sepulchrum
amicae visitarem, curas meas aliquantulum
fore levatas.¹*

Ebn Zaiat

A desgraça se apresenta sob muitos aspectos. O infortúnio da terra surge sob muitos disfarces. Abraçando o vasto horizonte como o arco-íris, suas tonalidades são tão variadas quanto as nuances daquele arco – e igualmente distintas, embora sejam intimamente misturadas. Abarcando o amplo horizonte como faz o arco-íris! Como se explica que de uma imagem tão bela eu tenha derivado um exemplo de fealdade? Como retirei do símbolo da aliança da paz um exemplo de infortúnio? Do mesmo modo que na ética o mal é uma consequência do bem, é de fato da alegria que nasce a infelicidade. Seja porque a lembrança da felicidade passada nos enche hoje de angústia; ou porque nos entregamos às agonias que se originam no êxtase *do que poderia ter sido*.

Meu nome de batismo é Egeus; não mencionarei o nome de minha família. Todavia, não há torres em minha terra mais honradas pelo tempo que as do paço lúgubre e acinzentado de meus ancestrais. Nossa estirpe tem sido denominada uma raça de visionários e, em muitos detalhes importantes, no estilo da mansão da família, nos afrescos do salão principal, nas tapeçarias pendentes das paredes dos dormitórios, no cinzelado dos arcobotantes da sala de armas, porém mais especialmente na galeria de pin-

1. "Meus amigos me garantiram que, se visitasse o sepulcro de minha amiga, obteria um certo alívio para minha tristeza." Em latim no original. (N.T.)

turas antigas, na maneira como o salão da biblioteca foi construído e, finalmente, na própria natureza peculiar dos livros contidos nessa biblioteca, há mais do que suficiente evidência em favor dessa assertiva.

As recordações de meus primeiros anos estão ligadas a essa câmara e a seus volumes, que não pretendo esquecer agora. Aqui morreu minha mãe. Aqui nasci eu. Mas é apenas uma afirmação ociosa dizer que eu não tinha vivido antes – que a alma não tem existência anterior ao nascimento. Não concordam com isto? Bem, não vamos perder tempo discutindo este assunto. Basta dizer que estou convencido disto e que não procuro convencer os demais. Há, no entanto, uma lembrança de formas aéreas, de olhos espirituais cheios de significado, de sons musicais e melancólicos, uma recordação que não pode ser apagada; uma memória tal qual uma sombra, vaga, variável, indefinida e inconstante; e também como uma sombra é a impossibilidade de me libertar dessa reminiscência enquanto perdurar a luz de minha razão.

Nesse salão eu nasci. Assim despertei da longa noite do que se assemelhava, ainda que não fosse realmente, à inexistência, para surgir de uma vez na própria terra das fadas, dentro de um palácio da imaginação, nos espantosos domínios do pensamento monástico e da erudição. Não é de espantar que eu lançasse o meu olhar em derredor com olhos espantados e ardentes, que gastasse minha infância na leitura e dissipasse minha juventude em devaneios; o que é singular é que, à medida que se passavam os anos e o auge da masculinidade me encontrou ainda na mansão de meus pais, uma maravilhosa estagnação tenha caído sobre as fontes de minha vida e uma inversão total e espantosa ocorresse no caráter de meus pensamentos mais triviais. A realidade do mundo me afetava como se fossem visões, tão somente o resultado de minha imaginação, enquanto

as ideias desenfreadas da terra dos sonhos se tornavam, por sua vez, não o conteúdo de minha existência diária, mas minha existência real, completa e absoluta em si mesma.

Berenice e eu éramos primos e crescemos juntos nos salões de meus antepassados. Todavia, crescemos de forma bastante diversa – eu, enterrado na melancolia de uma disposição enfermiça; ela, ágil, graciosa, transbordando de vitalidade. Ela corria pelas colinas, eu estudava no claustro. Eu morava em meu próprio coração e acostumava o corpo e a alma às mais intensas e penosas meditações, ela dançava descuidada através da vida, sem pensar nas sombras que a aguardavam em seu caminho ou na fuga silenciosa das horas de asas negras como as dos corvos. Berenice! Invoco seu nome: Berenice! – e desde as ruínas cinzentas da memória mil recordações tumultuosas são despertadas pelo som. Ah, como está vívida sua imagem diante de mim agora, como nos primeiros dias de sua jovialidade e alegria! Ah, deslumbrante e fantástica beleza! Ah, sifide entre os arbustos de Arnheim! Ah, náiaide entre suas fontes! E depois... depois tudo é mistério e terror, uma narrativa que não deveria ser contada. A doença, uma moléstia fatal, soprou como o simum do deserto sobre seu corpo e, enquanto eu a contemplava, o espírito da transformação lançou-se sobre ela, invadindo sua mente, seus hábitos e seu caráter, perturbando da forma mais sutil e terrível até mesmo sua identidade! Ai de mim! O destruidor veio e se foi... e a vítima, onde estava? Eu não mais a conhecia – não a reconhecia mais como Berenice.

Dentre a numerosa cadeia de doenças induzidas por aquela primeira e fatal moléstia, pode ser mencionada uma

2. Antiga cidade da Holanda, célebre por seus jardins. (N.T.)

em particular, que efetuou uma metamorfose de caráter tão horrível na condição física e moral de minha prima: foi a mais obstinada e acabrunhante por sua natureza, uma espécie de epilepsia, que muitas vezes terminava por um *transe*, um estado de catalepsia que muitas vezes lembrava uma dissolução definitiva, do qual ela se recobrava, na maior parte das vezes, de maneira espantosamente abrupta. Enquanto isso, minha própria doença, pois me disseram muitas vezes que não me deveria referir a isto por outro nome, minha própria moléstia, se assim querem, cresceu rapidamente de intensidade, assumindo finalmente o caráter de uma monomania de forma nova e extraordinária, ganhando vigor a cada hora, crescendo a cada momento, até obter finalmente o controle mais incompreensível sobre mim. Esta monomania, se é o termo que devo empregar, consistia de uma irritabilidade mórbida daquelas propriedades da mente que a ciência metafísica denominou de *atenção*. É mais do que provável que eu não seja entendido; e temo, realmente, não ser possível transmitir de forma alguma à mente do leitor comum uma ideia adequada daquela *intensidade de interesse* nervosa através da qual, no interior de minha mente, os poderes da meditação (para não falar de maneira técnica) se aplicavam e absorviam na contemplação até mesmo dos objetos mais ordinários do universo.

Meditar infatigavelmente e por longas horas sobre o que atraía minha atenção: às vezes, um desenho frívolo à margem da página ou a fonte em que eram tipografadas as palavras do livro; permanecer absorto durante a maior parte de um dia de verão na contemplação de uma sombra extravagante que se estendia obliquamente sobre os desenhos de uma tapeçaria ou simplesmente ao longo do assoalho; perder-me por uma noite inteira a contemplar a chama constante de uma lâmpada ou as brasas da

lareira; sonhar dias inteiros com o perfume de uma flor; repetir monotonamente alguma palavra comum, até que o som, pela força da repetição frequente, cessasse de transmitir qualquer ideia à mente; perder todo o sentido de movimento ou de existência física, por meio de uma imobilidade corporal absoluta em que perseverava longa e obstinadamente – estes eram alguns dos sintomas mais comuns e menos perniciosos induzidos pelas condições de minhas faculdades mentais; sem dúvida, haveria outras pessoas em situação semelhante, mas, mesmo assim, minhas peculiaridades desafiavam qualquer análise ou explicação.

Não me compreendiam mal. Esta atenção indevida, ansiosa e mórbida, que era assim excitada por objetos em si mesmo triviais, não deve ser confundida com aquela propensão básica ao devaneio, que é comum a toda a humanidade e praticada mais especialmente por aqueles dotados de maior imaginação. E não era sequer, como poderia ser imaginado à primeira vista, uma condição extrema, um exagero dessa propensão, mas desde o princípio essencialmente singular e diferente. Na situação comum, o sonhador ou o entusiasta, que se acha em geral interessado por um objeto que *não é frívolo*, imperceptivelmente perde de vista este objeto, em um emaranhado de deduções e sugestões provocadas por ele, até que, na conclusão de um devaneio *frequentemente repleto de voluptuosidade*, descobre que o *incitamento*, ou causa primária de sua meditação, está completamente esquecido e desapareceu de sua consciência. No meu caso, o objeto principal era *invariavelmente trivial e frívolo*, embora assumisse, através de minha visão distorcida, uma importância irreal e cintilante. Eram feitas muito poucas deduções, se é que se fazia alguma; mas as que havia, retornavam pertinazmente ao centro do objeto original. Minhas meditações *nunca*

tinham um caráter agradável; ao término do devaneio, a causa inicial, longe de estar perdida, tinha atingido aquele interesse exagerado e sobrenatural que constituía a característica dominante de minha doença. Em resumo, a parte de minha mente mais particularmente utilizada era, como disse antes, a *atenção*, enquanto os sonhadores costumam exercitar mais a *especulação*.

Nesta época, meus livros, se de fato não serviam para reforçar a doença, partilhavam em grande parte de sua natureza imaginativa e inconsequente e, como é fácil de perceber, participavam dos sintomas característicos do próprio mal. Entre outros, recorde o tratado do nobre italiano Coelius Secundus Curio, *De Amplitude Beati Regni Dei*; a grande obra de Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*; e o trabalho de Tertuliano, *De Carne Christi*, em que a frase paradoxal, "*Mortuus est Dei filius; credibile est quia ineptum est; et sepultus resurrexit; certum est quia impossibile est*"³ ocupou-me o tempo todo, durante muitas semanas de investigação laboriosa e infrutífera.

Fica deste modo demonstrado que, desequilibrada somente por coisas triviais, minha razão se assemelhava àquele recife no meio do oceano, citado por Ptolomeu Hefestion, que resistia firmemente a todos os ataques da violência humana e à fúria ainda mais feroz das águas e dos ventos, mas tremeu ao simples toque das pétalas de uma flor chamada asfódelo, que é um tipo de lírio. E mesmo que, para um observador apressado, pudesse parecer fora de dúvida que a alteração produzida pela infeliz moléstia na condição *moral* de Berenice me fornecesse muitas razões para o exercício daquela meditação intensa e anormal, cuja natureza venho me esforçando para explicar, este não era o caso em absoluto. Nos intervalos de lucidez

3. "Morto está o filho de Deus; creio porque é absurdo; e ressurgiu do sepulcro; é verdadeiro porque é impossível." Em latim no original. (N.T.)

de minha enfermidade, o desastre que se abatera sobre ela, sem a menor dúvida, me causava dor; e nas profundezas de meu coração eu ponderava frequente e amargamente sobre a calamidade que ocasionara tão de repente uma revolução assim estranha. Mas estas reflexões não partilhavam das idiossincrasias de minha doença: eram as mesmas que teriam ocorrido nas mesmas circunstâncias à maioria das pessoas. Fiel a sua própria natureza, meu desequilíbrio mental deletava-se nas mudanças menos importantes, porém mais assombrosas que ocorriam no aspecto *físico* de Berenice, na distorção singular e espantosa de sua personalidade.

Durante os dias mais brilhantes de sua beleza sem par, sem a menor dúvida eu não me achava apaixonado por ela. Nesta estranha anomalia de minha existência, meus sentimentos *nunca provinham* do coração: minhas paixões *sempre surgiam* do fundo da mente. Através do acinzentado alvorecer, nas sombras em treliça dos galhos da floresta em pleno meio-dia, no silêncio de minha biblioteca durante as noites, ela havia saltitado diante de meus olhos e eu a contemplara, não como a Berenice vivaz e bela, mas como a Berenice de um sonho; não um ser terrestre e mundano, mas a abstração desse ser; não uma coisa admirável, mas um fenômeno a ser analisado; não um objeto de amor, porém o tema das especulações mais abstrusas e estéreis. Mas *agora!* Agora eu tremia em sua presença, empalidecia quando se aproximava; ainda que lamentasse amargamente sua condição decaída e desolada; e ao recordar-me de que ela me amara por longo tempo, em um momento de perversidade, pedi-a em casamento.

E finalmente o período de nossas bodas estava a aproximar-se, quando, em uma tarde de inverno, um desses dias inesperadamente quentes, serenos e enevoados

dos, que resultam dos cuidados do belo marim-pescador⁴, assentei-me sozinho, segundo pensava, na parte mais recôndita da biblioteca. Mas, ao erguer os olhos, percebi que Berenice estava parada diante de mim.

Terá sido minha própria imaginação excitada ou a influência sombria da atmosfera, o crepúsculo incerto da câmara ou as cortinas cinzentas que envolviam sua figura que lhe deixaram a silhueta tão vacilante e indistinta? Eu não poderia dizer. Ela não emitiu uma só palavra e eu, nem por todo o ouro do mundo poderia ter proferido uma única sílaba. Um arrepio gelado percorreu-me a espinha, uma sensação de ansiedade insuportável me oprimiu, uma curiosidade invencível invadiu-me a alma; e, descaindo sobre a poltrona, permaneci por algum tempo imóvel e sem respirar, com meus olhos cravados sobre ela. Ai de mim! Estava excessivamente pálida e nem sequer um vestígio de seu aspecto anterior permanecia ou se revetava em qualquer linha de seu vulto. Meu olhar ardente finalmente subiu para seu rosto.

A testa era alta e muito pálida, singularmente tranquila; e os cabelos que tinham sido negros como azeviche a recobriam parcialmente e ensombream as têmporas fundas com numerosos cachos que eram agora de um amarelo vivo, contrastando violentamente em seu aspecto fantástico com a melancolia que reinava no semblante. Os olhos estavam sem vida, sem brilho, aparentemente sem pupilas; contrai-me involuntariamente diante daquele olhar de vidro e contemplei os lábios finos e murchos. Estes se separaram; e, em um sorriso cheio de significado, *os dentes* desta nova Berenice arreganharam-se lentamente diante de minha vista. Prouvera a Deus que

4. Pois como Júpiter, durante a estação do inverno, nos dá duas vezes sete dias de calor, os homens têm afirmado que estas épocas temperadas resultam dos cuidados do belo marim-pescador - Simônides. (N. do A.)

nunca os tivesse contemplado ou que tivesse morrido tão logo os vi!

O som de uma porta batendo perturbou-me e, erguendo os olhos, descobri que minha prima tinha deixado a câmara. Mas não tinha partido, ai de mim!, da câmara desordenada de meu cérebro, nem eu podia expulsar o branco e terrível espectro de seus dentes. Não havia uma mancha em sua superfície, nem uma mácula em seu esmalte, a menor quebra em suas pontas, mas aquele breve período de seu sorriso havia bastado para marcá-los como uma brasa em minha memória. Agora eu os percebia ainda mais claramente do que quando os havia realmente contemplado. Os dentes! Os dentes! Estavam aqui, estavam ali, estavam por toda parte, visivelmente, palpavelmente diante de mim: longos, finos, excessivamente brancos, com os lábios pálidos se arreganhando ao redor deles, no próprio momento em que alcançavam sua nova forma pela primeira vez. Então caiu sobre mim a fúria total de minha *monomania* e lutei em vão contra sua estranha e irresistível influência. Enquanto olhava para os múltiplos objetos do mundo exterior, só tinha pensamentos para os dentes. Ansiava por eles com um desejo frenético. Todas as outras questões, todos os diferentes interesses ficavam absorvidos por esta única contemplação. Eles, somente eles se faziam presentes perante os olhos da mente e em sua única individualidade se tornaram a essência de minha vida mental. Era como se eu segurasse nas mais diferentes luzes, como se os revirasse em todas as posições possíveis. Examinava suas características. Detinha-me em todas as suas peculiaridades. Ponderava sobre sua conformação. Meditava sobre a alteração de sua natureza. Arrepiava-me todo enquanto lhes atribuía, em minha imaginação, um poder sensível e consciente e até mesmo a capacidade de expressões morais, ainda quando desprovidos de lábios.

Uma vez foi muito bem expressado sobre Mademoiselle Sallé que "*tous ses pas étaient des sentiments*" e agora eu podia dizer de Berenice com a crença mais sincera que "*tous ses dents étaient des idées*".⁵ *Des idées!* — sim, aqui estava o pensamento irracional que me destruiu! *Des idées!* — era por isso que eu os cobijava tão loucamente! Sentia que apenas sua posse poderia restaurar minha paz e devolver-me a razão.

E assim a noite se fechou sobre mim — e então veio a escuridão, permaneceu e depois se foi — o dia raiou novamente — e as brumas de uma segunda noite já se estavam a reunir — e eu ainda permanecia sentado imóvel naquele salão solitário e continuava imerso em meditações e ainda o *fantasma* dos dentes mantinha seu terrível domínio sobre mim, porque flutuava, com a mais vívida e hedionda nitidez, por entre as luzes e sombras que se sucediam no aposento. Finalmente um grito de horror e de consternação explodiu de perneio a meus sonhos; após uma pausa, seguiu-se o som de vozes perturbadas, misturadas com muitos gemidos baixos, como brotados da dor ou da tristeza. Ergui-me de minha poltrona e, abrindo violentamente uma das portas da biblioteca, vi parada na antecâmara uma das criadas, o rosto lavado em lágrimas, que me contou aos prantos que Berenice não existia mais. Tivera um ataque de epilepsia nessa mesma madrugada e agora, com a aproximação da noite, a tumba estava preparada para sua ocupante e todos os preparativos para o enterro já tinham sido feitos.

Movimetei-me com repugnância para o quarto de dormir da defunta, meu coração oprimido de temor e angustiado. Era um quarto grande e muito escuro e a cada passo

5. "Todos os seus passos eram sentimentos. Todos os seus dentes eram ideias." Em francês no original. (N.T.)

deparava com os preparativos para o sepultamento. Vi que os cortinados do leito estavam fechados e um dos criados disse-me que ali se achava o ataúde e dentro dele, acrescentou em voz baixa, os restos mortais de Berenice.

Alguém indagou se eu queria ver o corpo. Não percebi moverem-se os lábios de ninguém; e, no entanto, a pergunta fora realmente feita e o eco de suas derradeiras sílabas ainda se arrastava pelo assoalho do quarto. Era impossível negar-me; e assim, com o peito comprimido de angústia, dirigi-me a passos lentos até o leito. Mansamente ergui as sombrarias dobradas dos cortinados; mas deixei-as cair de novo sobre meus ombros e, deste modo, elas me separaram do mundo dos vivos, encerrando-me na mais estreita comunhão com a morta.

Todo o ar do quarto respirava morte; mas o próprio caixão tinha seu cheiro característico, que me provocava um certo mal-estar e me levava a imaginar que um odor de decomposição já se exalava do cadáver. Teria dado todo o ouro do mundo para escapar, para libertar-me da deletéria influência da morte, para respirar, ao menos outra vez, o ar puro dos céus eternos. Mas não dispunha de forças para mover-me, meus joelhos tremiam, estava como enraizado no solo, enquanto contemplava fixamente o corpo rígido, estendido ao comprido no ataúde aberto.

Deus do Céu! Seria possível? Meu cérebro se achava transtornado ou o dedo da morta se movera dentro da mortalha que o envolvia? Tremendo de pavor inexplicável, voltei lentamente a vista para o rosto do cadáver. Seu queixo fora amarrado com um lenço, mas de algum modo este se desatara. Os lábios lívidos se retorciam em um arremedo de sorriso e por entre seu esgar macabro, os dentes de Berenice, brancos, luminosos e terríveis ainda me fitavam, mais reais que a própria vida. Ergui-me convulsivamente do leito e, sem mais uma palavra,

loucamente, corri para fora daquele quarto onde reinavam o mistério, o horror e a morte.

Encontrei-me novamente sentado na biblioteca; e de novo me achava completamente sozinho. Parecia que acabara de acordar de um sonho confuso e excitante. Sabia que já era meia-noite e tinha plena consciência de que Berenice tinha sido sepultada ao pôr do sol. Mas daquele tétrico intervalo que se interpunha não tinha uma compreensão definida. Todavia, sua reminiscência estava repleta de horror, um terror ainda mais pavoroso porque era vago, um terror ainda mais terrível porque era ambíguo. Era a mais amedrontadora página do registro de minha existência, coberta de lembranças obscuras, assustadoras e ininteligíveis. Lutei para decifrá-las, mas em vão; vezes sem conta, como o fantasma de um som fugidio, o uivo agudo e lancinante de uma voz de mulher parecia ressoar em meus ouvidos. Alguma coisa eu havia feito, mas o que poderia ser? Propus a questão a mim mesmo em voz alta e os ecos sussurrantes das paredes da câmara me responderam: *que poderia ser?*

Na mesa a meu lado estava acesa uma lâmpada, e havia uma caixinha perto dela. Não tinha qualquer característica especial e frequentemente eu a havia visto antes, pois pertencia ao médico da família. Mas como se achava ela *ali*, sobre minha mesa, e por que eu estremecia só de olhá-la? Não havia explicação para estas coisas e meus olhos finalmente recaíram sobre as páginas abertas de um livro que se achava em meu colo, uma de cujas sentenças estava sublinhada. Eram as palavras singulares, mas de grande simplicidade do poeta Ebn Zaiat: "*Dicebant mihi sodales, si sepulchrum amicae visitarem, curas meas aliquantum fore levatas*". Por que então, no momento em que as contemplava, sentia os cabelos de minha nuca

se arrepiarem e o sangue de meu corpo congelar-se dentro de minhas veias?

Seguiu-se uma leve batida na porta da biblioteca e um criado entrou na ponta dos pés, pálido como se fosse o ocupante de uma sepultura. Sua fisionomia estava transtornada de terror e falou-me em voz trêmula, murmurante e enrouquecida. Que me disse ele? Escutei algumas sentenças pela metade. Contou-me que fora ouvido um uivo selvagem, perturbando o silêncio da noite, que toda a casa se havia reunido e uma busca fora organizada na direção de onde provinha o som. E então seu tom de voz tornou-se penetrantemente distinto enquanto sussurrava sobre um túmulo violado, um corpo amortalhado e desfigurado, que, no entanto, ainda respirava, ainda palpitava, *ainda vivia!*

Apontou para minhas vestes – estavam enlameadas e cobertas de coágulos de sangue. Não consegui falar nada; ele segurou-me gentilmente as mãos, que estavam marcadas pelos arranhões de unhas humanas. Dirigiu-me a atenção para um objeto apoiado contra a parede – voltei meu olhar para ele durante alguns minutos: era uma pá. Com um uivo, lancei-me em direção à mesa e apoderei-me da caixa que estava sobre ela. Mas, por mais força que fizesse, não consegui abri-la; em meu tremor, ela escorregou-me das mãos e tombou pesadamente, quebrando-se em mil pedaços; mas de dentro dela, com um som metálico, rolaram os instrumentos de um dentista, misturados com trinta e dois pequenos objetos, de cor branca e parecendo feitos de marfim, que se espalharam por toda a extensão do assoalho.

loucamente, corri para fora daquele quarto onde reinavam o mistério, o horror e a morte.

Encontrei-me novamente sentado na biblioteca; e de novo me achava completamente sozinho. Parecia que acabara de acordar de um sonho confuso e excitante. Sabia que já era meia-noite e tinha plena consciência de que Berenice tinha sido sepultada ao pôr do sol. Mas daquele tétrico intervalo que se interpunha não tinha uma compreensão definida. Todavia, sua reminiscência estava repleta de horror, um terror ainda mais pavoroso porque era vago, um terror ainda mais terrível porque era ambíguo. Era a mais amedrontadora página do registro de minha existência, coberta de lembranças obscuras, assustadoras e ininteligíveis. Lutei para decifrá-las, mas em vão; vezes sem conta, como o fantasma de um som fugidio, o uivo agudo e lancinante de uma voz de mulher parecia ressoar em meus ouvidos. Alguma coisa eu havia feito, mas o que poderia ser? Propus a questão a mim mesmo em voz alta e os ecos sussurrantes das paredes da câmara me responderam: *que poderia ser?*

Na mesa a meu lado estava acesa uma lâmpada, e havia uma caixinha perto dela. Não tinha qualquer característica especial e frequentemente eu a havia visto antes, pois pertencia ao médico da família. Mas como se achava ela *ali*, sobre minha mesa, e por que eu estremecia só de olhá-la? Não havia explicação para estas coisas e meus olhos finalmente recaíram sobre as páginas abertas de um livro que se achava em meu colo, uma de cujas sentenças estava sublinhada. Eram as palavras singulares, mas de grande simplicidade do poeta Ebn Zaiat: "*Dicebant mihi sodales, si sepulchrum amicae visitarem, curas meas aliquantum fore levatas*". Por que então, no momento em que as contemplava, sentia os cabelos de minha nuca

se arrepiarem e o sangue de meu corpo congelar-se dentro de minhas veias?

Seguiu-se uma leve batida na porta da biblioteca e um criado entrou na ponta dos pés, pálido como se fosse o ocupante de uma sepultura. Sua fisionomia estava transtornada de terror e falou-me em voz trêmula, murmurante e enrouquecida. Que me disse ele? Escutei algumas sentenças pela metade. Contou-me que fora ouvido um uivo selvagem, perturbando o silêncio da noite, que toda a casa se havia reunido e uma busca fora organizada na direção de onde provinha o som. E então seu tom de voz tornou-se penetrantemente distinto enquanto sussurrava sobre um túmulo violado, um corpo amortalhado e desfigurado, que, no entanto, ainda respirava, ainda palpitava, *ainda vivia!*

Apontou para minhas vestes – estavam enlameadas e cobertas de coágulos de sangue. Não consegui falar nada; ele segurou-me gentilmente as mãos, que estavam marcadas pelos arranhões de unhas humanas. Dirigiu-me a atenção para um objeto apoiado contra a parede – voltei meu olhar para ele durante alguns minutos: era uma pá. Com um uivo, lancei-me em direção à mesa e apoderei-me da caixa que estava sobre ela. Mas, por mais força que fizesse, não consegui abri-la; em meu tremor, ela escorregou-me das mãos e tombou pesadamente, quebrando-se em mil pedaços; mas de dentro dela, com um som metálico, rolaram os instrumentos de um dentista, misturados com trinta e dois pequenos objetos, de cor branca e parecendo feitos de marfim, que se espalharam por toda a extensão do assoalho.

loucamente, corri para fora daquele quarto onde reinavam o mistério, o horror e a morte.

Encontrei-me novamente sentado na biblioteca; e de novo me achava completamente sozinho. Parecia que acabara de acordar de um sonho confuso e excitante. Sabia que já era meia-noite e tinha plena consciência de que Berenice tinha sido sepultada ao pôr do sol. Mas daquele tétrico intervalo que se interpunha não tinha uma compreensão definida. Todavia, sua reminiscência estava repleta de horror, um terror ainda mais pavoroso porque era vago, um terror ainda mais terrível porque era ambíguo. Era a mais amedrontadora página do registro de minha existência, coberta de lembranças obscuras, assustadoras e ininteligíveis. Lutei para decifrá-las, mas em vão; vezes sem conta, como o fantasma de um som fugidio, o uivo agudo e lancinante de uma voz de mulher parecia ressoar em meus ouvidos. Alguma coisa eu havia feito, mas o que poderia ser? Propus a questão a mim mesmo em voz alta e os ecos sussurrantes das paredes da câmara me responderam: *que poderia ser?*

Na mesa a meu lado estava acesa uma lâmpada, e havia uma caixinha perto dela. Não tinha qualquer característica especial e frequentemente eu a havia visto antes, pois pertencia ao médico da família. Mas como se achava ela *ali*, sobre minha mesa, e por que eu estremecia só de olhá-la? Não havia explicação para estas coisas e meus olhos finalmente recaíram sobre as páginas abertas de um livro que se achava em meu colo, uma de cujas sentenças estava sublinhada. Eram as palavras singulares, mas de grande simplicidade do poeta Ebn Zaiat: "*Dicebant mihi sodales, si sepulchrum amicae visitarem, curas meas aliquantum fore levatas*". Por que então, no momento em que as contemplava, sentia os cabelos de minha nuca

se arrepiarem e o sangue de meu corpo congelar-se dentro de minhas veias?

Seguiu-se uma leve batida na porta da biblioteca e um criado entrou na ponta dos pés, pálido como se fosse o ocupante de uma sepultura. Sua fisionomia estava transtornada de terror e falou-me em voz trêmula, murmurante e enrouquecida. Que me disse ele? Escutei algumas sentenças pela metade. Contou-me que fora ouvido um uivo selvagem, perturbando o silêncio da noite, que toda a casa se havia reunido e uma busca fora organizada na direção de onde provinha o som. E então seu tom de voz tornou-se penetrantemente distinto enquanto sussurrava sobre um túmulo violado, um corpo amortalhado e desfigurado, que, no entanto, ainda respirava, ainda palpitava, *ainda vivia!*

Apontou para minhas vestes – estavam enlameadas e cobertas de coágulos de sangue. Não consegui falar nada; ele segurou-me gentilmente as mãos, que estavam marcadas pelos arranhões de unhas humanas. Dirigiu-me a atenção para um objeto apoiado contra a parede – voltei meu olhar para ele durante alguns minutos: era uma pá. Com um uivo, lancei-me em direção à mesa e apoderei-me da caixa que estava sobre ela. Mas, por mais força que fizesse, não consegui abri-la; em meu tremor, ela escorregou-me das mãos e tombou pesadamente, quebrando-se em mil pedaços; mas de dentro dela, com um som metálico, rolaram os instrumentos de um dentista, misturados com trinta e dois pequenos objetos, de cor branca e parecendo feitos de marfim, que se espalharam por toda a extensão do assoalho.

A MÁSCARA DA MORTE RUBRA

Há longo tempo a “Morte Rubra” devastava o país. Jamais outra praga tinha sido tão fatal ou tão horrenda. O sangue era sua encarnação e o sinal de sua presença – a vermelhidão e o horror do sangue. A vítima sentia dores agudas, uma tontura súbita, depois sangramento profuso por todos os poros e logo se seguia a decomposição. Manchas escarlates sobre o corpo e especialmente no rosto do infeliz confirmavam o selo da peste sobre ele; e esse carimbo de imediato o afastava de toda ajuda e até mesmo da simpatia de seus compatriotas. O aspecto mais terrível era que, desde o ataque inicial, o progresso e o término da enfermidade sobrevinham em meia hora.

Mas o Príncipe Próspero era feliz, destemido e sa-gaz. Ao perceber que seus domínios já haviam perdido a metade da população, chamou à sua presença um milhar de seus amigos saudáveis e joviais, escolhidos entre os cavaleiros e as damas de sua corte, e com estes retirou-se para a segurança e reclusão total de uma de suas abadias fortificadas. Esta estrutura era extensa e magnífica e sua arquitetura fora criação do próprio Príncipe, cujo gosto era extravagante, mas majestoso. Era cercada por uma muralha alta e forte. Os portões eram de ferro maciço. Os cortesãos, após se terem reunido no interior da vasta construção, trouxeram formalhas portáteis e pesados malhos

e soldaram as trancas e os rebites. Era sua resolução não permitir nenhuma forma de entrada ou de saída para aqueles que, em um impulso súbito de frenesi ou desespero, quisessem deixar o recinto. A abadia tinha sido aprovionada com extrema abundância. Com todas essas precauções, o Príncipe e os cortesãos acreditavam ser possível desafiar o contágio. O mundo exterior que cuidasse de si mesmo. Enquanto isso, era tolíce lamentar os mortos ou até mesmo pensar neles. O Príncipe tinha fornecido todos os meios para o gozo de múltiplos prazeres. Havia bufões, atores, bailarinos e músicos; havia Beleza e havia vinho. Dentro estava tudo isso; dentro havia segurança. Fora estava a “Morte Rubra”.

Já no final do quinto ou sexto mês de sua reclusão, quando a pestilência rugia mais furiosamente por todos os recantos do país, o Príncipe Próspero decidiu entreter seus mil amigos em um baile de máscaras de magnificência ainda maior que a usual.

A mascarada foi um cenário de grande prazer e voluptuosidade. Mas primeiro descreverei os salões em que foi realizada. No total havia sete salões de suntuosidade imperial. Na maior parte dos palácios, estes conjuntos de aposentos são construídos em linha reta, de tal modo que a porta principal se tem uma visão longa e ininterrupta, e as portaldas corrediças deslizam quase até as paredes laterais à direita e à esquerda. Os participantes podem enxergar o recinto de ponta a ponta quase sem a menor interrupção. Porém aqui a disposição era muito diferente, como se poderia esperar do amor do governante pelo bizzarro. Os salões tinham sido construídos de uma forma tão irregular que o olhar somente conseguia divisar um deles de cada vez. Havia uma curva fechada a cada vinte ou trinta metros; e no momento em que esta era transposta, surgia um efeito totalmente novo. De ambos os lados,

à direita e à esquerda, no meio de cada parede externa, uma janela gótica alta e estreita dava para um corredor fechado que acompanhava todas as curvas do conjunto. As vidraças destas janelas eram recobertas por vitrais cuja cor variava de acordo com a nuance dominante na decoração da câmara para a qual se abriam. A da extremidade oriental, por exemplo, era decorada por tapeçarias azuis – e de um azul vívido eram suas ogivas. O segundo salão apresentava ornamentos e cortinados purpúreos; e aqui as vidraças eram de um púrpura arroxeadado. O terceiro era inteiramente verde e do mesmo modo os vitrais. O quarto era mobiliado e enfeitado de laranja; o quinto, de branco, o sexto, de roxo e violeta. O sétimo compartimento era totalmente amortalhado por pálios de veludo negro que não somente pendiam das paredes, como recobriam-lhe todo o teto e tombavam em dobras pesadas sobre um tapete do mesmo material e da mesma cor. Era somente nesta câmara que a tonalidade das janelas não correspondia às das decorações. Nos vitrais desta sala predominava o es-carlate, ou antes, um tom profundo de vermelho-sangue. Uma estranha peculiaridade era a de que em nenhuma das sete divisões do conjunto havia qualquer lâmpada ou candelabro, entre a profusão de ornamentos de ouro que estava disposta por todos os cantos dos aposentos ou até mesmo pendia dos forros. Não havia luz de qualquer tipo, quer emanando de vela, seja brotando de lamparina, em qualquer dos salões. Mas nos corredores que cercavam a suíte fora colocada, por trás de cada janela ogival, uma pesada tripode suportando braseiros de fogo que projetavam seus raios através dos vidros coloridos e deste modo iluminavam deslumbrantemente as diversas divisões. Deste modo eram criados numerosos efeitos vistosos e fantásticos. Porém na câmara negra, que ficava mais a ocidente, o efeito provocado pela luz do fogo que se lan-

çava contra os painelamentos escuros através das vidraças cor de sangue era profundamente macabro e criava uma expressão tão sinistra nas fisionomias daqueles que ali entravam que quase todos se retiravam imediatamente, e somente os mais ousados da companhia se dispunham a permanecer naquela divisão.

Era também neste aposento que se erguia contra a parede ocidental um relógio de pêndulo, gigantesco e talhado em ébano. Esse pêndulo balançava para a direita e para a esquerda com um clangor pesado, monótono e surdo; e todas as vezes em que o ponteiro dos minutos fazia o circuito do mostrador e a hora estava a ponto de soar, os pulmões de bronze do relógio produziam um som claro, alto e profundo, extremamente musical, porém com uma ênfase e timbre tão peculiares que, cada vez que uma hora transcorria, os músicos da orquestra sentiam-se constrangidos a fazer uma pausa momentânea e escutar o ruído; e deste modo, aqueles que valsavam eram forçados a suspender temporariamente suas evoluções e uma breve perturbação perpassava toda a assembleia e interrompia-lhes as manifestações de alegria; e enquanto o carrilhão do relógio prosseguia em seu toque, observava-se que até mesmo os mais exuberantes empalideciam, enquanto os mais velhos e mais contidos passavam as mãos pelas testas e cobriam os olhos como se estivessem em um momento de meditação ou em um devaneio confuso. Mas no momento em que os ecos cessavam por completo, um riso leve novamente se difundia entre os dançarinos; os músicos olhavam uns para os outros e sorriam ironicamente de sua tolice ou nervosismo e prometiam uns aos outros que o próximo soar do relógio não despertaria neles emoção semelhante; só que, após um lapso de sessenta minutos (que abraçam três mil e seiscentos segundos do Tempo que voa tão velozmente), novamente o carrilhão

se manifestava e havia o mesmo desconcerto e os mesmos tremores e a mesma meditação contida.

Porém, a despeito destas coisas, o baile era alegre e magnífico. O Príncipe tinha gostos um tanto exóticos, mas um olhar muito acurado para cores e efeitos. Desprezava os ornamentos que se encontravam na moda. Seus projetos eram ousados e ardentes e suas concepções brilhavam com esplendor bárbarico. De fato, poderia haver alguns que até mesmo o julgassem desequilibrado. Mas a multidão jovial de seus seguidores não pensava assim. Todavia, era necessário escutá-lo e vê-lo e até mesmo tocá-lo pessoalmente para ter *certeza* de que ele não era mais que um pouco excêntrico.

Em grande parte, fora ele que dirigira pessoalmente o mutável embelezamento das sete câmaras, especialmente para o cenário desta grande festa; e fora a orientação de seu próprio gosto que tinha determinado as fantasias que cada mascarado deveria usar. Certamente eram grotescas. Havia muito brilho, purpurina, esplendor, detalhes berrantes e fantasmagóricos – semelhantes àqueles que depois foram vistos nas montagens de *Hernani*.¹ Havia formas de inspiração arábica, com membros e adornos desproporcionados. Havia concepções delirantes, que pareciam realmente ter saído da prancheta de um louco. Muita coisa era linda, muita era ousada, muita era bizarra, algumas eram terríveis e outras chegavam ao ponto de causar aversão e desgosto. Por todos os recantos dos sete magníficos salões o que passeava, de fato, era uma multidão de sonhos. E estes sonhos retorciam-se para cá e para lá, entravam e saíam dos salões, mudando de coloração

1. Drama de Victor Hugo. Sua primeira apresentação foi no Théâtre-Français, a 25 de fevereiro de 1830, ocasionando uma verdadeira batalha nas galerias entre os partidários do classicismo e os do romantismo. Com o título italianizado de *Ernani*, transformou-se em ópera, com libreto de Piave e música de Verdi, estreada em 1844. (N.T.)

enquanto se moviam, com um barulho tão ensurdecedor que a música violenta da orquestra parecia somente o eco de seus passos. E novamente bate o relógio de ébano erguido no salão de veludo. E então, por um momento, todo o movimento se interrompe e tudo permanece em silêncio, salvo a voz do relógio. Os sonhos parecem congelados onde se encontram. Mas logo morrem os ecos do carrilhão – soaram tão só por um instante –, e um riso leve e contido flutua atrás deles assim que partem. E novamente a música cresce e os sonhos vivem e se movem ainda mais delirantemente que antes, coloridos pelas múltiplas tonalidades dos janelões, através dos quais jorram os clarões ígneos das tripodes. Porém agora, no salão que fica mais para o ocidente dentre todos os sete, nenhum dos foliões se aventura: porque a noite está avançando e a luz que flui através das vidraças cor de sangue parece ainda mais vermelha; e o negror das cortinas pretas assombra; e se alguém se atreve a pôr o pé no tapete tenebroso, surge do relógio de ébano que agora está tão próximo um tique-taque abafado, mais solenemente enfático do que aquele que atinge os ouvidos dos bailarinos que se entregam ao balanço extravagante nas galerias mais remotas dos outros compartimentos.

Todavia, os outros aposentos estavam densamente apinhados e batia neles febrilmente o coração da vida. E a folia continuava em torvelinho, até que finalmente começaram a soar as doze badaladas da meia-noite no relógio de ébano. E então a música cessou, como cessara das outras vezes; e as evoluções dos passistas se interromperam; e uma inquietude suspendeu todo o movimento, do mesmo modo que antes. Desta vez, entretanto, havia doze pancadas a serem dadas pelos sinos do relógio; deste modo transcorreu um período mais longo de tempo, em que pensamentos tétricos se arrastaram para o foco

da atenção daqueles entre os fantasiados que paravam para meditar. E foi assim também que aconteceu, talvez antes que os derradeiros ecos do último toque tivessem completamente desaparecido no silêncio, que muitos indivíduos na multidão tiveram tempo para perceber a presença de uma criatura mascarada que não havia atraído antes a atenção de ninguém. E o rumor desta nova presença se espalhou aos murmúrios, até que uma espécie de zumbido ergueu-se da turba, um sussurro expressivo de desaprovação e surpresa, transformando-se enfim em medo, horror e náusea.

Em uma assembleia de fantasmas tais quais os descritos acima, pode-se perfeitamente supor que nenhuma aparição comum pudesse despertar tal sensação. Na verdade, a permissividade de caracterização daquela noite era praticamente ilimitada; porém o vulto em questão excedia o próprio Herodes² em extravagância e malignidade e tinha ultrapassado até mesmo os limites do decoro indefinido do Príncipe. Existem acordes nos corações dos mais levianos que não podem ser tocados sem lhes despertar emoção. Mesmo os inteiramente perdidos, para quem a vida e morte são idênticos brinquedos, têm certos tabus que não podem ser quebrados por zombarias. Sem dúvida, a turba inteira parecia agora sentir profundamente que na fantasia e no porte do estranho não existia graça nem elegância. A criatura era alta e esquelada, amortalhada da cabeça aos pés pelos panejamentos que costumam ser levados à tumba. A máscara que lhe escondia a fisionomia tinha sido confeccionada de modo a lembrar, em seus menores detalhes, o rosto de um cadáver endurecido, a tal

2. Referência a Herodes I, o Grande, 73-04 a.C., rei da Judeia (como preposto dos romanos) de 40 a 04 a.C., famoso por seu luxo e sua extravagância, aliados a assomos de crueldade, dentre os quais o mais conhecido é a bíblica Matança dos Inocentes. (N.T.)

ponto que o mais sério escrutínio acharia difícil apontar a diferença entre aquela figura e um verdadeiro habitante do túmulo. Tudo isto poderia ser suportado e até mesmo aprovado pelos doidos foliões que se acotovelavam ao redor. Mas o mascarado tinha levado o mau gosto ao ponto de imitar detalhadamente os sintomas externos da Morte Rubra. Sua vestimenta estava manchada de *sangue*; e sua testa larga, juntamente com todos os traços de seu rosto, estava coberta pelas assustadoras manchas que caracterizavam o horror escarlata.

Quando os olhos do Príncipe Próspero caíram sobre este espectro (o qual, com movimentos lentos e solenes passava de grupo a grupo entre os dançarinos, como se quisesse salientar ainda mais o seu papel), imediatamente foi tomado de convulsões, com fortes tremores provocados pelo medo ou pelo nojo; mas, no instante seguinte, sua testa ficou encarnada de cólera.

— Quem ousa? — indagou roucamente dos cortesãos que o rodeavam. — Quem ousa insultar-nos com esta farsa sacrílega? Agarem-no agora e tirem-lhe a máscara — para que saibamos a quem vamos enforçar nas muralhas amanhã pela manhã!

Quando o Príncipe Próspero pronunciou estas palavras, achava-se na câmara azul, que era a mais oriental. Mas sua voz ressoou clara e estentoriamente através dos sete salões, porque o Príncipe era um homem ousado e robusto e a música tinha parado no mesmo instante, a um aceno de sua mão.

O Príncipe, como dissemos, se encontrava no salão azul, com um grupo de cortesãos pálidos a seu lado. Assim que ele falou, houve um leve movimento de investida deste grupo em direção ao estranho, que se encontrava bastante próximo; mas então, com passo deliberado e majestoso, ele se aproximou mais ainda do orador. E devido

a um espanto e terror sem nome despertado no coração de todos pela assombrosa fantasia adotada pelo farsante, nenhum dentre eles ousou estender a mão para capturá-lo. Desse modo, sem que ninguém o impedisse, ele chegou a um metro do Príncipe, passou por ele sem lhe dar maior atenção e prosseguiu seu caminho ininterruptamente, com o mesmo passo medido e ponderado que adotara desde o princípio, enquanto a massa compacta dos convidados, como se movida por um único impulso, fugia do centro dos salões e se comprimia contra as paredes e o visitante indesejado atravessava o quarto azul e entrava no purpurino, cruzava este até o verde, passava pelo verde até o laranja, transpunha este até o salão branco e ingressava no aposento roxo, sem que qualquer movimento decidido tivesse sido feito para interromper-lhe a passagem. Foi nesse momento, entretanto, que o Príncipe Próspero, enlouquecido pela raiva e pelo opróbrio de sua própria e momentânea covardia, correu velozmente pelas seis câmaras, ainda que ninguém o seguisse, pois um terror mortal se havia apoderado de todos. Ergueu bem alto uma adaga desembainhada e aproximou-se impetuosamente, até chegar a menos de um metro da figura que se afastava, momento em que esta, tendo atingido a extremidade do salão de veludo negro, voltou-se subitamente e confrontou seu perseguidor. Ouviu-se um grito agudo – e a adaga caiu reluzindo sobre o tapete negro, seguida, no momento seguinte, pelo corpo do Príncipe Próspero, fulminado pela morte. Então, e só então, reunindo a coragem selvagem do desespero, uma massa alucinada lançou-se para o compartimento negro; agarraram o ator, cuja figura alta permanecia ereta e imóvel à sombra do relógio de ébano e arfaram em um terror inexprimível ao perceberem que a mortalha funérea e a máscara mortuária de que se ha-

viam apoderado com rudeza tão violenta não envolviam nenhuma forma tangível.

Foi então reconhecida a presença da Morte Rubra. Ela tinha chegado como um ladrão à noite. E um por um caíram os dançarinos nos salões cobertos de sangue em que se haviam alegrado e cada um deles morreu na mesma postura desesperada em que havia tombado. E quando o último da alegre companhia soltou o derradeiro suspiro, a vida do relógio de ébano também se extinguiu. E as chamas das tripodes foram se apagando uma a uma. A Escuridão, a Decomposição e a Morte Rubra assumiram domínio incontestável sobre toda a abadia.

O BARRIL DE AMONTILLADO

Eu sempre suportara os mil insultos de Fortunato o melhor que podia, mas quando começou com ofensas, jurei vingança. Vocês, que tão bem conhecem a natureza de minha alma, não irão supor, no entanto, que eu tenha proferido qualquer ameaça. Eu teria minha vingança, mas *a longo prazo*; esta era uma decisão definitivamente estabelecida dentro de meu espírito — porém a própria firmeza com que tinha sido tomada afastava a ideia de assumir qualquer risco. Eu não somente devia punir, mas punir com impunidade. Um insulto não é vingado quando alguma espécie de castigo recai sobre aquele que se vinga. Tampouco é vingado quando o vingador não se dá a conhecer como tal àquele que lhe fez mal.

Deve ficar bem claro que, nem através de palavras, nem através de ações, eu dera a Fortunato a menor razão para duvidar de minha boa vontade. Eu continuava, como era meu costume, a fitá-lo sorrindo; e ele não percebia que agora meu sorriso era provocado pelo pensamento de sua imolação.

Ele tinha um ponto fraco — este Fortunato —, embora em outros aspectos fosse um homem a ser respeitado e mesmo temido. Ele se vangloriava de seu conhecimento de vinhos. Poucos italianos realmente adquirem a virtuosidade. Na maior parte dos casos, seu entusiasmo é adotado para adequar-se à ocasião e à oportunidade, a fim

de praticar suas imposturas sobre os *millionaires* britânicos e austríacos. Com relação à pintura e às pedras preciosas, Fortunato, como seus compatriotas, era um charlatão, mas a respeito de vinhos velhos era sincero. Neste ponto, eu não diferia muito dele — tinha grande habilidade para distinguir entre as safras italianas e comprava os melhores vinhos em grande quantidade, sempre que podia.

Foi na hora do crepúsculo, em um entardecer durante a suprema loucura da estação carnavalesca, que eu encontrei meu amigo. Ele se aproximou de mim com um excesso de cordialidade, pois tinha bebido bastante. O homem estava vestido como um arlequim. Usava uma malha justa, parcialmente listrada, enquanto sua cabeça era coroada pelo barrete cônico enfeitado de guizos. Fiquei tão satisfeito ao encontrá-lo que pensei que não conseguiria parar de apertar-lhe a mão.

Falei imediatamente:

— Meu caro Fortunato, que sorte tive em encontrá-lo! E que aspecto excelente você tem hoje! Acabei de receber um barril de um certo vinho que me garantiram ser amontillado e eu tenho minhas dúvidas.

— Como? — exclamou ele. — Amontillado? Um barril? Impossível! Ainda mais no meio do carnaval!

— Eu tenho minhas dúvidas, já lhe disse — repliquei.

— Mas fui tolo o bastante para pagar o preço correspondente ao valor do amontillado, sem tomar a precaução de consultá-lo primeiro. Não consegui encontrá-lo e fiquei com medo de perder uma pechincha.

— Amontillado...!

— Tenho minhas dúvidas.

— Amontillado!

— Preciso saber com certeza.

— Amontillado!...

— Mas como você está ocupado, eu vou até a casa

de Luchresi. Se existe um bom conhecedor de vinhos, é ele. Ele me dirá se...

– Luchresi não sabe a diferença entre um amontillado e um xerez!

– Pois é. Mas existem alguns tolos que afirmam que o paladar dele é tão bom quanto o seu.

– Vamos de uma vez!

– Para onde?

– Para sua adega, ora!

– Não, meu amigo. Não vou me aproveitar de sua boa vontade. Posso perfeitamente notar que você tem um compromisso. Luchresi...

– Não tenho compromisso nenhum, vamos logo!

– Não, meu amigo. Não é apenas o compromisso, mas percebo que você está mostrando os sintomas de um severo resfriado. A adega é insuportavelmente úmida. Está cheia de salitre.

– Vamos de qualquer maneira. Meu resfriado não é nada. Amontillado! Acho que alguém lhe passou a perna. E quanto a Luchresi, ele não consegue distinguir xerez de amontillado!...

Enquanto falava, Fortunato agarrou-me pelo braço. Deste modo, colocando uma máscara de seda preta e vestindo um *roquelauze*² que ocultava totalmente meu corpo, permiti-lhe que me conduzisse apressadamente para meu *palazzo*.

1. O xerez (jerez em espanhol, sherry em inglês) é um vinho produzido na fronteira entre Portugal e Espanha, encorpado e com sabor de nozes, por ser originalmente conservado em barris de nogueira, produzido desde 1597. O amontillado (ou amontilhado) é um xerez meio-seco, originário de Montilla, na Andaluzia, e popularizado a partir de 1825. (N.T.)

2. Manto negro chegando até os joelhos, popular nos séculos XVIII e XIX, usado como abrigo de viagem e depois como traje carnavalesco. Introduzido por Antoine-Gaston-Jean-Baptiste, Duque de Roquelauze, 1656-1738. Distingue-se do *dominó*, mais conhecido, porque este chegava até os pés, mas no Brasil também recebeu este nome. (N.T.)

Não encontramos nenhum criado em minha mansão; todos haviam fugido para divertir-se em comemoração à ocasião. Eu lhes havia dito que não retornaria até a manhã seguinte, mas dera ordens explícitas para que não saíssem de casa. Estas ordens eram suficientes, eu sabia muito bem, para garantir a imediata desobediência de todos, assim que eu virasse as costas.

Retirei dois archotes dos suportes da parede e, entregando um deles a Fortunato, conduzi-o cortesmente através de diversos conjuntos de salões, até o grande arco que levava às adegas. Desci por uma longa escadaria em caracol, recomendando-lhe que tivesse todo o cuidado ao pisar nos degraus, enquanto me seguia. Chegamos enfim ao final da descida e paramos lado a lado sobre o pavimento úmido das catacumbas dos Montresors.

O passo de meu amigo era vacilante, e os guizos de seu capuz tilintavam enquanto ele andava.

– O barril – disse ele.

– Fica lá adiante – disse eu. – Mas cuidado com essas teias brancas que brilham nas paredes da caverna.

Ele virou-se para mim, fitou meus olhos com duas órbitas enevoadas que destilavam de intoxicação.

– Salitre? – indagou, após uma pausa.

– Salitre – repliquei. – Há quanto tempo você está com essa tosse?

– Coff! Coff! Coff! – Coff! Coff! Coff! – Coff! Coff! Coff!

Foi impossível a meu pobre amigo responder durante muitos minutos.

– Não é nada... – disse ele, finalmente.

– Vamos – falei, em um tom de voz decidido. – Vamos voltar. Sua saúde é preciosa para mim. Você é um homem rico, respeitado, admirado e amado; é feliz, como eu já fui um dia. É um homem de quem as pessoas senti-

riam falta. Quanto a mim, isto não é um problema. Vamos voltar, você pode adoecer, e eu não posso ser responsável. Além disso, sempre posso ir falar com Luchresi...

– Pare com isso – falou. – Essa tosse não é nada. Não vai me matar. Não vou morrer de uma simples tosse.

– É verdade, é verdade... – repliquei. – Realmente, não tinha a intenção de alarmá-lo sem necessidade. Mas isso não impede que você seja cuidadoso. Um gole deste Médoc³ vai nos proteger contra essa umidade toda.

Quebrei o gargalo de uma garrafa que retirei de uma longa fila de recipientes iguais, que descansavam no mofo.

– Beba – disse eu, apresentando-lhe o vinho.

Ergueu a garrafa até os lábios, com um sorriso contrafeito. Fez uma pausa e balançou a cabeça, em um gesto de familiaridade, enquanto seus guizos tilintavam.

– Eu bebo... – disse ele – bebo em honra dos mortos que repousam ao nosso redor.

– E eu bebo em sua honra, para que tenha uma longa vida.

De novo, agarrou-me pelo braço, e continuamos nosso caminho.

– Estas adegas – disse ele – são imensas.

– Os Montresors – respondi – foram uma família imponente e numerosa.

– Esqueci qual é o seu brasão.

– Um imenso pé humano em ouro sobre um campo blau;⁴ o pé esmaga uma serpente rampante, cujas presas estão cravadas em seu calcanhar.

– E o dístico, o lema da família?

3. Médoc: vinho produzido na região francesa de mesmo nome, próxima a Bordeaux. (N.T.)

4. Blau: termo específico da heráldica para designar a cor azul. (N.T.)

– *Nemo me impune lacessit.*⁵

– Muito bom! – exclamou ele.

O vinho fazia o seu olhar brilhar, e os guizos tilintavam. Minha própria fantasia aqueceu-se com o Médoc. Havíamos passado por longas paredes de esqueletos empilhados, entremeadas por barris e pipas de vinho, em direção aos recessos mais interiores das catacumbas. Fiz uma nova pausa e, desta vez, atrevi-me a segurar o braço de Fortunato, um pouco acima do cotovelo.

– O salitre! – exclamei. – Veja, cada vez aparece mais. Pendura-se ao redor das adegas como se fosse musgo. Estamos abaixo do leito do rio. As gotas de umidade insinuam-se por entre os ossos. Venha, vamos voltar antes que seja tarde demais. Sua tosse...

– Não é nada! – protestou ele. – Vamos prosseguir. Mas primeiro, outro gole de Médoc.

Quebrei o gargalo e alcancei-lhe um frasco de De Grève.⁶ Esvaziou a garrafa inteira quase de um só gole. Seu olhos brilhavam com uma luz feroz. Ele riu e jogou a garrafa vazia para cima, fazendo uns gestos que eu não compreendi.

Olhei para ele surpreso. Ele repetiu os movimentos – uma gesticulação realmente grotesca.

– Você não compreende? – quis saber.

– Realmente não – respondi.

– Então você não pertence à irmandade.

– Como?

– Você não faz parte da maçonaria.

– Sim, sim – falei eu. – Faça, sim.

– Você? Impossível! Um maçom?

5. Ninguém me dilacera impunemente" (ninguém me ofende sem castigo): Em latim no original. Lema nacional da Escócia. (N.T.)

6. Vinho tinto, produzido na região do Brabante, na Bélgica, próximo ao rio Meuse. (N.T.)

– Um maçom – insisti.

– Um sinal – pediu ele. – Faça-me um sinal.

– Aqui – respondi, retirando de sob as dobras de minha *roquelaine* uma colher de pedreiro.⁷

– Está gracejando comigo – ele exclamou, recuando alguns passos. – Vamos ver o tal de amontillado.

– Naturalmente – concordei, recolocando a ferramenta sob o manto e oferecendo-lhe novamente o braço. Desta vez, ele se apoiou pesadamente em mim. Continuamos nosso caminho em busca do amontillado. Passamos por uma série de arcos baixos, descemos, caminhamos mais um pouco, descemos novamente, até chegar a uma cripta profunda, cujo ar viciado reduzia a chama de nossas tochas a pouco mais que carvões reluzentes.

No ponta mais remota daquela cripta, abria-se uma segunda câmara, bem menos espaçosa. Suas paredes estavam recobertas de restos humanos, empilhados até chegar à abóbada, da mesma forma que nas grandes catacumbas de Paris. Três lados desta cripta interior ainda estavam ornamentados desta maneira. Porém do quarto lado, os ossos tinham sido removidos e jogados ao solo, jazendo promiscuamente sobre o pavimento, formando em determinado ponto um amontoado de tamanho considerável. Dentro da parede exposta pela retirada dos ossos, percebemos uma cripta ou um recesso ainda mais profundo, com cerca de um metro e vinte de profundidade, quase um metro de largura e mais ou menos dois metros de altura. Parecia não ter sido construído com nenhum propósito especial, formando apenas o intervalo entre dois dos colossais pilares que sustentavam a abóbada das catacumbas, terminando em uma das paredes de granito sólido que circunscreviam toda a edificação.

Foi em vão que Fortunato, erguendo seu archote quase apagado, tentou identificar o que se encontrava no fundo da cripta. A débil luz não nos permitia avistar a parede dos fundos.

– Entre – disse eu. – Aí dentro está o barril de amontillado. E quanto a Luchresi...

– Ele é um ignorante – interrompeu meu amigo, enquanto avançava tropeçadamente, comigo junto a seus calcanhares. Em um instante, ele tinha atingido a extremidade final do recesso e, ao perceber que seu avanço era interrompido pela pedra, parou, estupidamente confuso. No momento seguinte, eu já o havia acorrentado ao granito. Dois aros de ferro estavam soldados ali desde há muito tempo, a cerca de sessenta centímetros um do outro e dispostos horizontalmente. De um destes pendia uma corrente curta e resistente, e, no outro, havia um cadeado aberto. Lançando os elos em torno de sua cintura, agrilhoá-lo foi uma questão de segundos. Ele estava surpreso demais para tentar resistir. Trazendo comigo a chave, retirei-me para fora do nicho.

– Esfregue a mão ao longo da parede – sugeri –. Você vai sentir perfeitamente o salitre. Sem a menor dúvida, é um lugarzinho *muito* úmido. Deixe-me *implorar-lhe* uma vez mais para retornarmos. Não? Bem, então realmente terei de deixá-lo. Mas primeiro vou prestar-lhe todos os pequenos cuidados que estiverem a meu alcance.

– E o amontillado? – exclamou meu amigo, ainda não refeito de seu assombro.

– É verdade – respondi. – O amontillado...

Enquanto eu proferia estas palavras, procurei a pilha de ossos que mencionei anteriormente. Jogando-os para os lados, logo destapei uma pilha de pedra de cantaria e uma certa quantidade de argamassa. Com estes materiais e com

7. Um trocadilho, pois *maçon* em francês significa pedreiro. (N.T.)

a ajuda da minha colher de pedreiro, pus-me vigorosamente a empregar a entrada do recesso.

Mal havia deitado a primeira camada de pedras, quando percebi que a embriaguez de Fortunato havia em grande parte se dissipado. A primeira indicação deste fato foi escutar um som baixo, como um gemido prolongado, que vinha do fundo da cripta. *Não era o grito de um bêbado.* Seguiu-se um longo e obstinado silêncio. Sentei a segunda camada de pedras, a terceira, a quarta; e então escutei a vibração furiosa dos grilhões. O ruído perdurou por vários minutos, durante os quais, para que pudesse escutá-lo com maior satisfação, cessei o meu trabalho e sentei-me sobre a pilha de ossos. Quando, finalmente, o tinido parou, retomei a colher de pedreiro e acabei sem interrupção a quinta, sexta e sétima fileiras. A nova parede estava agora mais ou menos na altura do meu peito. Parei de novo e, segurando o archote acima da recente construção, lancei uns fracos raios sobre a figura que lá se achava.

Uma sucessão de gritos altos e agudos explodiu subitamente da garganta da criatura encadeada e lançou-me violentamente para trás. Por um breve momento, hesitei, tremi. Desembainhando meu florete, comecei a vasculhar o interior do nicho com ele; mas um pensamento instantâneo restaurou minha confiança. Coloquei a palma da mão sobre a rocha sólida que formava as paredes das catacumbas e fiquei satisfeito. Aproximei-me de novo da nova parede. Respondi os gritos daquele que lá clamava. Ecoei, ajudei, ultrapassei-os em volume e em vigor. Fiz isto, e o prisioneiro aquietou-se.

Já era meia-noite, e minha tarefa se aproximava do fim. Eu havia completado a oitava, a nona e a décima camadas. Havia já concluído uma parte da décima primeira e última camada: faltava somente uma única pedra a ser

encaixada e cimentada. Lutei contra seu peso; coloquei-a parcialmente na posição a que se destinava. Mas nesse momento brotou do nicho um riso baixinho que arrepiou os meus cabelos. Foi sucedido por uma voz triste, que tive dificuldade de reconhecer como sendo a do nobre Fortunato. A voz dizia:

— Há! Há! Há! Hô! Hô! Hô! Foi uma magnífica brincadeira! Uma piada excelente, sem a menor dúvida! Ainda vamos dar muitas gargalhadas por causa dela no seu *palazzo* — Hô! Hô! Hô! — enquanto esvaziamos nossas taças de vinho!... Há! Há! Há!

— O amontillado... — disse eu.

— Hê! Hê! Hê! — Hô! Hô! Hô! — sim, o amontillado. Mas já não está ficando tarde? Não estarão a nos esperar no *palazzo*, lady Fortunato e os outros? Vamos voltar.

— Sim — disse eu. — Vamos voltar.

— *Pelo amor de Deus, Montresor!*

— Sim — concordei. — Pelo amor de Deus!

Mas esperei em vão por uma resposta a estas palavras. Fiquei impaciente. Chamei, em voz bem alta:

— Fortunato!

Não houve resposta. Gritei de novo:

— Fortunato!

E novamente, não obtive resposta. Atravessei um dos archotes pela abertura restante e deixei que caísse lá dentro. Em retorno, veio somente o tilintar dos guizos. Meu coração contraiu-se — era a umidade das catacumbas que me afetava. Apressei-me a concluir meu labor. Forcei a última pedra para a posição adequada; reboquei-a com cimento. Contra a nova parede, reergui a antiga muralha de ossos. Já se passou meio século e nenhum homem mortal os perturbou. *In pace requiescat!*⁸

8. *In pace requiescat*: Que descanse em paz! Em latim no original. (N.T.)

O demônio da perversidade

Ao considerarem as faculdades e impulsos dos motores primordiais da alma humana, os frenologistas não conseguiram estabelecer a função de uma tendência, uma propensão que, embora obviamente existindo como um sentimento radical, primitivo e irredutível, foi igualmente ignorada por todos os moralistas que os precederam. Na pura arrogância da razão, todos nós a desdenhamos. Permitimos que sua existência escapasse ao exame de nossos sentidos unicamente por falta de crença, por não termos fé – qualquer que fosse essa fé, seja na Revelação divina, seja na milenar Cabala. A ideia dela nunca nos ocorreu, simplesmente porque parecia supérflua. Não encontramos *necessidade* para tal impulso, para tal inclinação. Simplesmente não podíamos perceber como era necessária. Não podíamos entender, quer dizer, não poderíamos ter entendido, se esta noção das causas primeiras não se tivesse introduzido; não poderíamos ter entendido de que forma ela podia ser levada a fortalecer os objetivos da humanidade, quer temporais, quer eternos. Não pode ser negado que a frenologia e em grande parte toda a metafísica foram concebidas *a priori*. Foram os homens inte-

lectuais ou lógicos e não os homens observadores e capazes de uma verdadeira compreensão que imaginaram designios, que ordenaram a Deus que tivesse propósitos. Tendo assim decifrado para sua própria satisfação as intenções de Jeová, construíram seus inumeráveis sistemas psicológicos a partir destas intenções. Na questão da frenologia, por exemplo, primeiro determinamos, o que é bastante natural, que era a vontade de Deus que o homem devesse comer. Deste modo atribuímos ao homem um órgão cerebral responsável pela alimentação e passamos a dizer que este órgão é o flagelo com que a Divindade obriga o homem a comer, quer queira, quer não. Em segundo lugar, determinamos que era a Vontade Divina que o homem deveria propagar sua espécie, e a seguir descobrimos um órgão cerebral responsável pela capacidade de amar. E daí partimos para os órgãos da combatividade, do idealismo, da causalidade, da criatividade – em suma, para cada órgão que possa representar uma propensão, um sentimento moral ou uma faculdade inteiramente intelectual. E nesses arranjos dos *princípios* da ação humana, os seguidores de Spurzheim,¹ quer estivessem certos, quer errados em parte ou no todo, pouco mais fizeram que seguir os passos de seus predecessores, deduzindo tudo e tudo estabelecendo a partir do destino preconcebido do homem e dos objetivos de seu Criador.

Teria sido mais inteligente, teria sido mais seguro classificar (se é que precisamos de uma classifica-

ção) sobre o alicerce daquilo que o homem realizou usual ou ocasionalmente, aquilo que preferencialmente fazia, e não sobre a base de nossas considerações sobre o que Deus pretendia que ele fizesse. Se não podemos compreender a Divindade através de Suas obras visíveis, como poderemos entender Seus pensamentos inconcebíveis que deram origem à realização de Suas obras? Se não podemos entendê-Lo em suas criaturas objetivas, como poderemos esperar uma compreensão de Suas substantivas disposições de ânimo que teriam levado às fases de Sua criação?

A indução, *a posteriori*, teria levado os frenólogos a admitir uma coisa paradoxal como princípio inato e primitivo das ações humanas, algo que denominaremos *perversidade*, na falta de um termo melhor. No sentido que pretendo, é de fato um móvel sem motivo, um motivo não *motivirt*.² Através de seus estímulos, agimos sem um objetivo compreensível; ou, se quisermos entendê-lo como uma contradição em termos, podemos modificar a proposição para dizer que, através de seu estímulo, agimos pela razão de que *não deveríamos agir*. Em teoria, nenhuma razão poderia ser mais irracional, mas, de fato, nenhuma existe que seja mais forte. Em certas mentes, sob determinadas condições, torna-se completamente irresistível. Assim como tenho certeza de que respiro, sei que a consciência do certo ou do errado de uma ação é frequentemente a única *força* incontestável que nos impele para sua

1. Johann Kaspar Spurzheim, 1776-1832, médico alemão e um dos pioneiros da frenologia. (N.T.)

2. Não motivado. Em alemão no texto, mais exatamente *motiviert*, participio passado do verbo *motivieren*. (N.T.)

realização; e nos impele isoladamente, sem que nada mais o faça. E esta tendência insuperável para praticar o mal por amor ao mal não admite análise nem resolução em elementos ulteriores. É um impulso radical e primitivo — um impulso elementar. Poderá ser objetado, sei muito bem disso, que quando persistimos em ações porque sentimos que *não devemos* permanecer nelas, nossa conduta é apenas uma modificação daquilo que ordinariamente provém da *combatividade* proposta pela frenologia. Mas um rápido olhar demonstrará a falácia desta ideia. A combatividade frenológica tem, por essência, a necessidade de autodefesa. É nossa salvaguarda contra danos físicos ou morais. Seu princípio busca o nosso bem-estar; e assim o desejo de permanecermos sadios é excitado simultaneamente com seu desenvolvimento. Segue-se então, que o desejo de estar bem deve ser excitado simultaneamente com algum princípio que seja tão somente uma modificação da combatividade, porém, no caso dessa coisa que denominarei *perversidade*, o desejo por nosso próprio bem-estar não apenas não é despertado, como surge um sentimento que é seu forte antagonista.

Um apelo ao próprio coração é, afinal, a melhor resposta para o sofisma que percebemos. Ningué que confiantemente consulta e inteiramente questiona sua própria alma estará disposto a negar o radicalismo completo da tendência em questão. Essa tendência é tão incompreensível quanto característica do ser humano. Não existe homem algum que, em algum período de sua vida, não tenha sido

atormentado, por exemplo, pelo sincero desejo de atormentar um ouvinte por meio de circunlóquios. O orador sabe que está desagradando o ouvinte; a sua verdadeira intenção é agradar; em geral, seu estilo é breve, preciso e claro; a linguagem mais lacônica e luminosa está lutando para ser proferida por sua língua; é somente com dificuldade que consegue impedir que ela se manifeste; de fato, teme e lamenta a cólera daquele com quem fala; todavia, é atingido pelo pensamento de que, através de certas manipulações e parênteses, esta raiva pode ser despertada. Esse único pensamento é quanto basta. O impulso transforma-se em desejo, o desejo domina a vontade, esta assume o caráter de um anseio incontrolável e o anseio (para profundo remorso e mesmo vergonha daquele que está falando, apesar de todas as possíveis conseqüências) é imediatamente satisfeito.

Temos uma tarefa à nossa frente que deve ser rapidamente realizada. Sabemos que será muito prejudicial postergá-la. A crise mais importante de nossa vida nos convoca com sons de trombeta para uma ação imediata e enérgica. Nós nos inflamos e consumimos pela urgência de iniciar a obra cujo resultado glorioso é antecipado e alimenta todas as expectativas de nossa alma. Deve ser co-meçada, deve ser iniciada hoje mesmo; e todavia, adiamos para amanhã — e por quê? Não há resposta, exceto que sentimos aquela *perversidade*, usando a palavra sem compreensão do princípio que está por trás dela. O amanhã chega e com ele uma ansiedade ainda mais impaciente para cumprirmos o

nosso dever, mas o próprio aumento de ansiedade é acompanhado por um desejo sem nome, uma volição que positivamente nos enche de medo, porque é incompreensível, de adiarmos ainda mais o que deve ser feito. Quanto mais passa o tempo, mais forte fica esse impulso. Finalmente, se aproxima a última hora em que poderemos realizar a ação. Trememos com a violência do conflito que está sendo travado dentro de nós, o combate entre o definido e indefinido, a batalha da substância com a sombra. Porém, se a luta chegou a este ponto, lutamos em vão, porque a sombra triunfará. O relógio bate a hora final e é o toque de finados por nosso bem-estar. Ao mesmo tempo, como o cantar do galo triunfante, soa a voz do fantasma que por tanto tempo nos assombrou. Então ele foge, o sentimento desaparece totalmente e estamos livres. A velha energia retorna a nossos membros. *Agora*, podemos trabalhar. Ai de nós, *é tarde demais!*

Paramos à beira de um precipício. Nossa visão se projeta para o abismo, somos tomados por um assomo de náusea e vertigem. Nosso primeiro impulso é afastar-nos do perigo. Sem a menor explicação, permanecemos ali. Lentamente, nosso enjôo, nossa tontura, nosso horror se mesclam a uma nuvem de sentimentos indizíveis. Gradativamente, ainda mais imperceptível, esta nuvem toma forma, como o vapor que surgiu da garrafa de Aladim e formou o gênio nas Mil e Uma Noites. Porém desta *nossa* nuvem à beira do despenhadeiro, torna-se progressivamente palpável uma forma muito mais terrível

que a do gênio, muito mais horrenda que a de qualquer demônio lendário; e no entanto, é somente um pensamento, por mais amedrontador que seja, que nos gela até a medula dos ossos com a ferocidade inerente à delícia de seu pavor. É meramente a ideia de qual seria a nossa sensação durante o mergulho precipitado de uma queda de tal altura. E esta queda – esta aniquilação rápida – pela própria razão de que invoca a mais macabra e repugnante dentre todas as imagens tétricas e repelentes da morte e sofrimento que já se apresentaram à nossa imaginação – por esta mesma causa imaginamos saltar agora e o deseçamos vividamente. E uma vez que nossa razão violentamente nos impede que cheguemos à borda, *justamente por isso* nos aproximamos mais impetuosamente. Não existe paixão na natureza que seja tão demoniacamente impaciente como a daquele que hesita à margem de um precipício, meditando sobre se há de saltar ou não. Deter-se, ainda que por um momento, na contemplação desse *pensamento*, é estar inevitavelmente perdido; porque a reflexão nos ordena afastar-nos sem demora e *portanto*, exatamente por isso, é que *não podemos*. Se não houver um braço amigo que nos ampare, ou se não fizermos um esforço súbito para nos afastarmos do abismo, saltaremos e seremos destruídos.

Por mais que examinemos estas e outras ações semelhantes, verificaremos que resultam unicamente do espírito da *Perversidade*. Nós perpetramos esses erros terríveis meramente porque sentimos que *não devemos*. Além disso, por detrás disso não há

qualquer princípio inteligível. E poderíamos, sem dúvida, considerar que esta inclinação perversa era uma instigação direta do Satanás, se não soubéssemos que, ocasionalmente, este impulso opera em apoio do bem.

Descrevi tudo isso para que de certo modo pudesse responder à sua questão, para que pudesse explicar-lhe por que estou aqui, para que pudesse transmitir-lhe alguma coisa que tivesse, pelo menos, um leve aspecto de uma causa para que estivesse agora usando estes grilhões e que justificasse o fato de que habito esta cela destinada aos condenados. Se não tivesse sido tão prolixo, talvez você me tivesse entendido completamente errado; ou, como a ralé, poderia achar que sou louco. Da maneira como descrevi o acontecido, você facilmente perceberá que sou apenas uma das vítimas incontáveis do Demônio da Perversidade.

É impossível que qualquer outra proeza pudesse ter sido realizada através de uma deliberação mais completa. Ponderei por semanas, durante meses, sobre a maneira de realizar este assassinato. Rejeitei mil esquemas porque sua realização envolvia a mera *possibilidade* de detecção. Finalmente, ao ler um volume intitulado *Memórias francesas*, encontrei o relato de uma doença quase fatal que acometeu uma certa Madame Pilau devido a uma vela acidentalmente envenenada. Imediatamente a ideia estimulou-me a imaginação. Sabia que minha vítima tinha o hábito de ler na cama. Sabia, também, que seu apartamento era estreito e pouco ventilado.

Mas não preciso incomodá-lo com todos esses detalhes impertinentes. Não preciso descrever as manobras fáceis com que logrei substituir, no candelabro de seu quarto de dormir, uma vela de cera comum que ali se achava, por outra de minha própria fabricação. Na manhã seguinte, ele foi achado morto em seu leito e o veredito do legista foi o de "Morte pela visita de Deus", ou seja, morte natural.

Tendo assim herdado suas propriedades, tudo correu bem para mim durante anos. A ideia de ser descoberto não entrou em meu cérebro nem por um momento. Eu mesmo tinha destruído cuidadosamente os restos da vela fatal. Não tinha deixado a sombra de uma pista através da qual pudesse ser possível condenar-me, ou até mesmo suspeitar de mim por esse crime. É inconcebível a riqueza do sentimento de satisfação que surgia em meu peito a cada vez que eu refletia sobre minha absoluta segurança. Por um período de tempo muito longo, acostumei-me a gozar deste sentimento. Ele me trazia uma delícia muito maior que todas as vantagens materiais que havia recebido através de meu pecado. Mas, finalmente, chegou uma época na qual a sensação agradável foi se transformando, através de gradações quase imperceptíveis, em um pensamento persecutório e obsedante. Perseguiu-me porque me assombrava. Não conseguia libertar-me dele por um só instante. Sei que é uma coisa assaz comum sermos assim aborrecidos pelo soar constante em nossos ouvidos, ou antes em nossa lembrança, do trautear de uma canção ordinária ou mesmo por al-

guns trechos inexpressivos recordados de uma ópera. E o fato é que não somos menos atormentados se a música for boa ou a melodia operática do mais alto nível. Desta forma, no final do processo, eu me apaixonava perpetuamente ponderando sobre minha segurança e repetindo em um resmungo baixo e quase inaudível a frase monótona: "Estou em segurança".

Um dia, enquanto passeava descuidadamente pelas ruas, consegui interromper-me justamente a tempo de não proferir estas sílabas habituais em um tom bem mais alto que um sussurro. Em um acesso de audácia petulante, remodelei a frase em minha mente: "Estou em segurança e vou permanecer a salvo se não cometer a tolice de confessar meu crime abertamente!".

Tão logo proferi estas palavras, ainda que fosse somente dentro de meu próprio cérebro, senti um frio gelado penetrar em meu coração. Já havia experimentado anteriormente estes acessos de perversidade, cuja natureza me dei ao trabalho de explicar bem, e recordei-me que em nenhuma ocasião tinha sido capaz de resistir-lhe aos ataques. E agora minha própria autossugestão, de um caráter aparentemente tão casual, de que existia uma possibilidade de que eu fosse estúpido o bastante para confessar o assassinato que havia cometido, confrontou-me como se fosse o próprio espectro daquele que havia matado e ficou a acenar-me para que saltasse em direção à morte.

A princípio, exerci grande esforço para esquecer este pesadelo que me dominava a alma. Caminhei vigorosamente, mais depressa, ainda mais rápido, até

que no fim estava correndo. Sentia um desejo enlouquecedor de soltar uivos. Cada onda de pensamento que se sucedia me invadia de novo terror, porque – ai de mim! – eu sabia muito bem que, em minha situação, *pensar em uma confissão* era o mesmo que perder-me. Corri ainda mais velozmente. Saltei doidamente pelas calçadas apinhadas. Finalmente, algumas pessoas se alarmaram e começaram a me perseguir. Senti *então* que meu destino estava consumado. Se pudesse arrancar a língua, era isso que teria feito. Mas uma voz grosseira soou em meus ouvidos e mãos ainda mais brutais agarraram-me pelos ombros. Voltei-me, arquejando para respirar. Por um momento, experimentei todas as agonias da sufocação; fiquei cego, surdo e tomado de vertigem; e então, algum demoniozinho invisível, acho eu, bateu-me nas costas com a larga palma da mão. O segredo que aprisionara por tão longo tempo explodiu para fora de minha alma com a força de um tuvão.

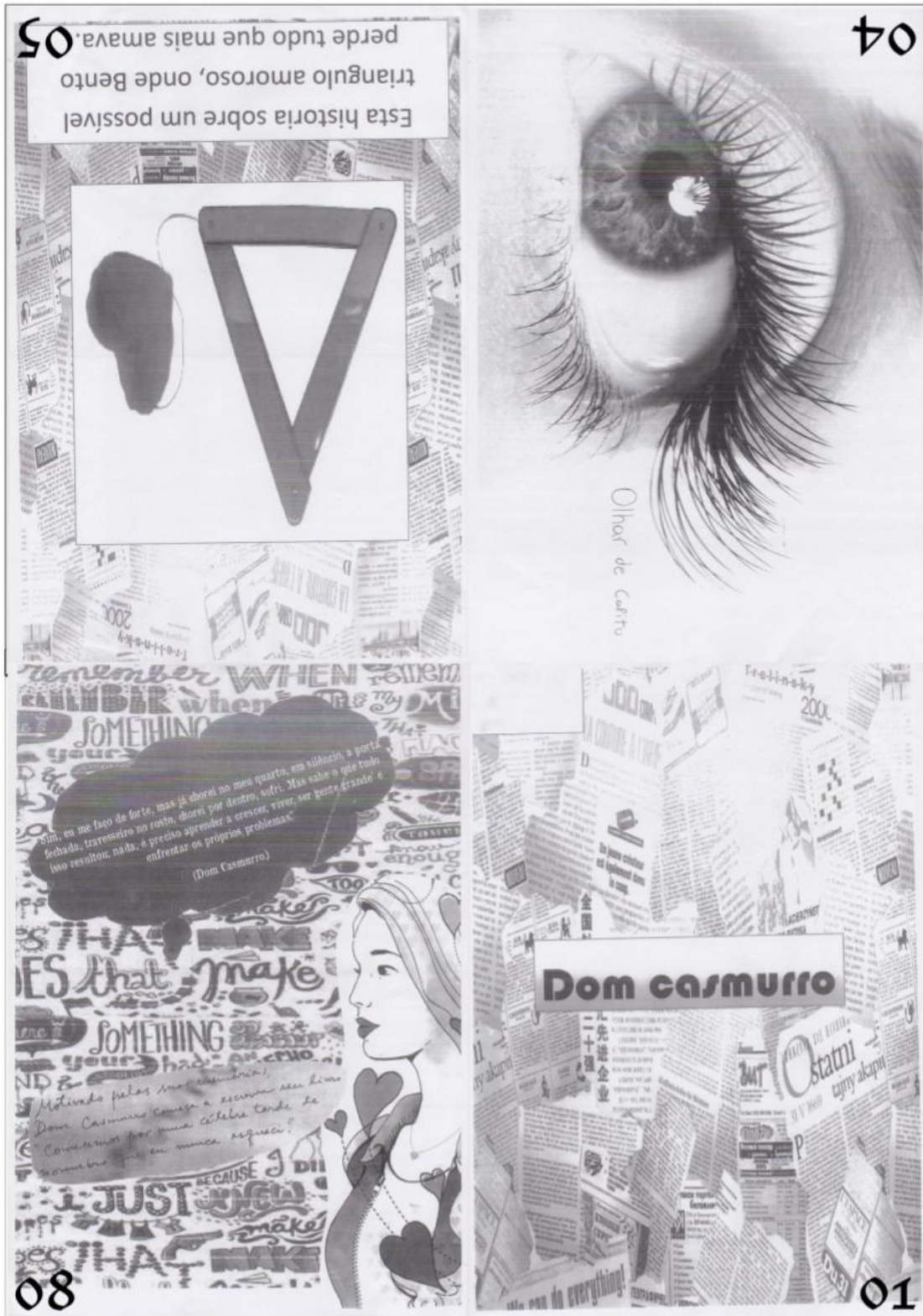
Dizem-me que falei com pronúncia clara e distinta, mas com uma ênfase marcada e uma pressa apaixonada, como se tivesse medo de ser interrompido antes de concluir as sentenças breves mas cheias de significado que me condenaram ao carrasco e me levarão para o inferno.

Depois de haver relatado tudo quanto era necessário para uma condenação judicial completa, desmaiei e tombei na calçada.

Mas por que deverei dizer ainda alguma coisa? Hoje estou usando estas correntes e estou *aqui!* Amanhã não terei mais grilhões – *mas onde estarei?*

Anexo 11 - Roteiro do Fanzine

"FANZINE em folha A4 dobrada 2 vezes"



profundos
Então se apaixonou por Capitu, uma



Seminário onde Bentinho foi realizar
o desejo de sua mãe, que queria que
seu segundo filho se tornasse padre.



APAREM DANÇARES
RUBEM QUE O DADO LHE DEU
VOCÊ SE REVERSOU PARA O LADO
ASSIM SE CHAMA O DADO DE LÁZAR
APESAR DELES, POREM, PARECE SE NÃO FOSSE A UNIDADE E A
AQUÍLÃO, EM A AQUILÃO

CAPITU, ISTO É, UMA
CRIAÇÃO MUI PARTICULAR, MAIS MULHER DO
QUE EU ERA HOMEM.

MAS A SAUDADE É ISTO MESMO; É
O PASSAR E REPASSAR DAS MEMÓRIAS
ANTIGAS

"A imaginação foi a
companheira de toda a minha
existência, viva, rápida,
inquieta, alguma vez tímida e
amiga de empacar, as mais
delas, capaz de engolir
campanhas e campanhas,
correndo..."

"O ser humano gosta de complicar as
coisas, é só uma brisa, quem sabe ela
bagunce teu cabelo, quem sabe te
acaricie o rosto, quem sabe, quem
sabe..."

"Mas a saudade é isto mesmo; é
o passar e repassar das
memórias antigas"

1º - O que é um Fanzine?

"Fanzine é uma abreviação de *fanatic magazine*, mais propriamente da aglutinação da última sílaba da palavra *magazine* (revista) com a sílaba inicial de *fanatic*. Fanzine é portanto, uma revista editada por um *fan* (fã, em português). Trata-se de uma publicação despreziosa [...]. Engloba todo o tipo de temas [...]." (WIKIPEDIA)

2º - Do que eu preciso?

Uma folha A4, uma tesoura, uma borracha, lápis e caneta.

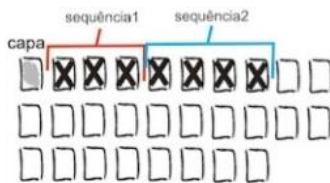


3º - Por onde eu começo?

- O primeiro passo é não entrar em pânico;
- O segundo passo é planejar o que você quer apresentar no Fanzine;
- O terceiro passo é separar os atos da história, definir bem o início, meio e fim da trama.

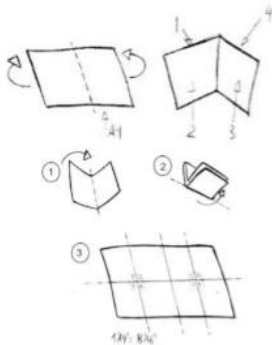
4º - Como eu monto um Fanzine?

- **Primeiro passo** → deixe a 1ª página para fazer a capa;
- **Segundo passo** → use a 2ª e a 3ª página para mostrar o lugar onde vai se passar a história;
- **Terceiro passo** → reserve as duas últimas páginas para o desfecho da trama;
- **Quarto passo** → use as demais páginas para contar a história.



5º - Como eu calculo as páginas?

Não é uma tarefa muito fácil, porque é praticamente um quebra-cabeça, entre a sua necessidade de espaço e as páginas que restam. Mas a ideia é criar um "mapa" aproximado do seu futuro Fanzine. Não se apresse em fazer isso correndo, essa etapa de pré-produção é importantíssima para seu Fanzine dar certo.



6º - Como dobrar e numerar as páginas?

As páginas são sempre múltiplos de 4. Por isso não é possível fazer um Fanzine com 6 páginas, por exemplo. Uma dica é dobrar a folha A4 2 vezes ao meio e obter 8 pequenas páginas. Nelas colocar a marcação das páginas, que já foram determinadas no "mapa". Agora basta desenhar a história, literalmente, nessas pequenas páginas. Faça primeiro um rascunho, não saia desenhando "pra valer". Não perca o seu tempo e nem as imagens que você já selecionou para fazer as colagens. Tenha certeza que a história se encaixa no "mapa".

Agora é hora de botar a mão na massa, e colocar suas ideias no papel, é bastante trabalho mas não desanime!

Anexo 12 - Slides explicando como fazer um fanzine



Lâmina 01

O que é um Fanzine?



▪ "Fanzine é uma abreviação de *fanatic magazine*, mais propriamente da aglutinação da última sílaba da palavra *magazine* (revista) com a sílaba inicial de *fanatic*. Fanzine é portanto, uma revista editada por um *fan* (fã, em português). Trata-se de uma publicação despreziosa [...]. Engloba todo o tipo de temas [...]." (WIKIPEDIA)

Lâmina 02



Por onde eu começo?

- 1º passo é não entrar em pânico;
- 2º passo é planejar o que você quer apresentar no Fanzine;
- 3º passo é separar os atos da história, definir bem o início, meio e fim da trama.

Lâmina 03

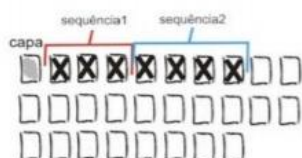


Como eu monto um Fanzine?

- 1º deixe a primeira página para fazer a capa;
- 2º use as páginas 2 e 3 para mostrar o lugar onde vai se passar a história;
- 3º reserve as duas últimas páginas para o desfecho da trama;
- 4º use as demais páginas para contar a história.

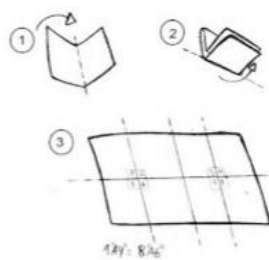
Lâmina 04

Como eu calculo as páginas?



Lâmina 05

Como eu dobro as páginas?



Lâmina 06

Como eu faço o layout das páginas?



Lâmina 07



Lâmina 08



Lâmina 09



Lâmina 10



Lâmina 11



Lâmina 12